

**Universidade Federal do Rio de Janeiro**  
**Campus UFRJ Macaé**  
**Professor Aloísio Teixeira**

**Análise Crítica dos Discursos Sobre Conservação, Preservação e  
Sustentabilidade no ocidente e o Antiplatonismo de Nietzsche**

**Autor: Marcos Vinícius Criado**

2016



**Análise Crítica dos Discursos Sobre Conservação, Preservação e  
Sustentabilidade no ocidente e o Antiplatonismo de Nietzsche**

**Autor: Marcos Vinícius Criado**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais e Conservação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro/Campus Macaé Aloísio Teixeira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais e Conservação.

**Orientador: Gustavo Arantes Camargo**

Macaé  
2016

**Análise Crítica dos Discursos Sobre Conservação, Preservação e  
Sustentabilidade no ocidente e o Antiplatonismo de Nietzsche**

**Autor: Marcos Vinícius Criado**

**Orientador: Gustavo Arantes Camargo**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais e Conservação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais e Conservação.

Aprovada por:

---

Presidente, Prof. Gustavo Arantes Camargo

---

Prof. Dr. Leonardo Maia Bastos Machado

---

Prof. Dr. Bernardo Carvalho Oliveira

M927 Criado, Marcos Vinícius.  
Análise Crítica dos Discursos sobre Conservação,  
preservação e Sustentabilidade no ocidente e o  
Antiplatonismo de Nietzsche / Marcos Vinícius  
Criado. - Macaé: [s. n.] , 2016.

N  
102 f. ; il.

Orientador: Gustavo Camargo.

Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais  
e Conservação) – Universidade Federal do Rio  
de Janeiro, Campus Macaé – Professor Aloísio  
Teixeira, Macaé, 2016.

1. Meio Ambiente. 2. Cristianismo. 3.  
Antiplatonismo. I. Gustavo Camargo II.  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Campus  
Macaé – Professor Aloísio Teixeira. IV. Título.

CDD

### **Agradecimentos:**

Agradeço a minha amada esposa Jennifer V. N. Criado pelo amor, apoio constante e por me fazer sempre me sentir mais inteligente do que realmente sou. Aos meus amados pais Sidnei e Mara, ao meu querido irmão Luiz, ao meu sogro Edilson e a minha sogra Márcis, ao meu orientador Dr. Gustavo Camargo que aceitou o desafio, teve coragem de me orientar e paciência para me conduzir até esse momento e a Dra. Roberta Coutinho pelo incentivo e ajuda no início dessa jornada.

Marcos Vinícius Criado

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO I - DISCURSOS PARA SOLUÇÃO DAS QUESTÕES AMBIENTAIS E A LÓGICA ASCÉTICA DESSES DISCURSOS .....</b>	<b>14</b>
1.1 Os discursos para solução do problema ambiental .....	14
1.2 A apropriação cristã do platonismo e o discurso moral em relação à questão ambiental .....	18
1.3 A questão ambiental dentro da teologia cristã .....	26
1.4 Natureza e meio ambiente como criação de Deus .....	31
1.5 A encíclica papal sobre o meio ambiente .....	44
<b>CAPÍTULO II – A CRÍTICA NIETZSCHE AO IDEAL ASCÉTICO E À METAFÍSICA DE VALORES .....</b>	<b>47</b>
2.1 A verdade e a metafísica platônica .....	52
2.2 A procura da verdade como negação da vida .....	58
2.3 A genealogia e a dimensão humana dos valores .....	64
2.4 A crítica ao cristianismo .....	67
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>78</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>83</b>

## **INTRODUÇÃO:**

Muito tem se falado sobre questões ambientais contemporaneamente. Os discursos sobre o tema caminham, em grande parte, para a constatação de uma crise ambiental, ocasionada pelo desenvolvimento de um modelo de sociedade que tem no uso de recursos naturais a fonte de seu crescimento. Esta ótica da crise possui várias linhas de desenvolvimento, desde aquelas que entendem haver uma grave crise ambiental no mundo no qual vivemos, onde, para muitos, já estaríamos em uma era onde as mudanças climáticas, alterações nos usos dos solos e no funcionamento dos ecossistemas seriam irreversíveis, quanto discursos que entendem ainda serem possíveis mudanças substanciais na direção em que a humanidade caminha, seja pelo desenvolvimento de novas tecnologias ditas “limpas”, seja pela mudança no comportamento de pessoas e empresas.

O presente trabalho tem como proposta analisar criticamente a lógica de discursos sobre o meio ambiente no ocidente que afirmam a existência de problemas ambientais graves no mundo hoje e que acreditam que um dos principais caminhos para solucioná-los é a partir da conscientização do cidadão comum sobre o tema, proporcionando sua maior participação em possíveis soluções.

Tal crítica será feita a partir de um referencial filosófico clássico da literatura, a saber, a filosofia de F.W. Nietzsche, buscando estabelecer relações entre os discursos ambientais conscientizadores e suas influências filosóficas e teológicas. Sendo assim, o primeiro capítulo fará uma análise dos discursos em questão e o segundo pretenderá elaborar a crítica.

Porém, para o desenvolvimento desta crítica, faz-se necessário, antes, apresentar brevemente como entendemos a questão ambiental contemporaneamente a partir de alguns dados estatísticos e exemplos históricos, o que faremos nesta introdução. Tais apontamentos são necessários para a posterior análise crítica e debate sobre os discursos sobre tema.

A questão ambiental ganhou destaque tardiamente na história. Apenas quando os seres humanos se deram conta de que os recursos são finitos e que a escassez dos mesmos poderia representar a extinção de todas as espécies, inclusive a humana. Nesse momento a ciência e tecnologia, que despontavam como

as grandes heroínas e maestrinas da humanidade, passaram a ser questionadas e repensadas (CUNHA, GUERRA, 2012).

Alguns acontecimentos históricos ajudaram a amadurecer a consciência ecológica e impulsionaram os processos de tomada de decisões. O primeiro deles foi o caso dos pescadores do sul do Japão. No final da década de 1950, com o processo de industrialização em uma comunidade tradicional que ainda vivia como seus ancestrais, um envenenamento da água por metal deformou e matou centenas de pessoas que comiam os peixes retirados daquele local (CUNHA, GUERRA, 2012). O desastre ficou conhecido como Desastre de Minamata.

Outro caso que chocou o mundo, matou animais e poluiu praias, foi o derramamento de petróleo na costa oeste da Inglaterra no final dos anos 60. Um incidente ainda mais grave foi o derramamento de petróleo no Alasca em 1989. Um navio chocou-se com um rochedo e derramou 40 milhões de litros de petróleo, atingindo um raio de 250 km/2 de devastação. Em 1984 na Índia cerca de 200 mil pessoas foram queimadas ou ficaram cegas, mais de 10 mil morreram na hora com o vazamento de gás tóxico. Outros casos famosos como o de Chernobil completam esse quadro de tragédias e devastação. (CUNHA, GUERRA, 2012).

Entendemos que o primeiro passo em direção a esse processo significativo de degradação ambiental na história, foi sem sombra de dúvidas, a Revolução Industrial.

A Revolução Industrial se constituiu, basicamente, na substituição das ferramentas utilizadas pelos artesãos, pelas máquinas utilizadas pela indústria têxtil que era o grande poder econômico da Inglaterra. Esta foi a pioneira na introdução destas em seu meio de produção. Nesse sentido a energia humana, antes utilizada para a confecção das peças, passou a ser substituída pela força motriz das máquinas, transformando não só o processo de fabricação, pois agora consegue se produzir em grande escala, mas também a vida dos trabalhadores, da sociedade e do meio ambiente. Para suprir a nova demanda de produção e atender a necessidade de energia, foi utilizado a princípio carvão vegetal. Com isso as reservas florestais foram devastadas e conseqüentemente desde então, aumentou a concentração de gases do efeito estufa (SALVIANO; GROppo; PELLEGRINO, 2016).

A Revolução Industrial mudou também todo o mundo do trabalho. A partir de



então, o empresário é o dono do aparelhamento e do material e o trabalhador é apenas o que vende sua força de trabalho para ele. O primeiro tem lucro, o outro, recebe o salário. A diferença entre lucro e salário será o ganho do investidor que será reinvestido e ampliará mais ainda sua produção. O que resulta numa crescente acumulação por parte do capitalista e uma manutenção da situação do assalariado.

Tal investimento flui para avançar tecnologicamente e para a aquisição de mais máquinas e equipamentos. Ou seja, em busca de ganhos na produtividade, logo no lucro, os gastos com pesquisas se acentuam. Os resultados se acumulam e as técnicas se aprimoram, os inventos se multiplicam e o trabalho do homem se intensifica, ou seja, o trabalho se torna mais produtivo e a natureza oferece toda a matéria prima para sustentar esse ciclo.

Estima-se que a Revolução Industrial começou na segunda metade do século XVIII, mais precisamente no ano de 1769 quando James Watt (Inglês) aperfeiçoa a máquina a vapor. Segundo Huberman:

na última sexta-feira, uma máquina a vapor construída segundo os novos princípios do Sr. Watt foi posta em funcionamento em Bloomfield Colliery...na presença de alguns homens de ciência cuja curiosidade fora estimulada pela possibilidade de ver os primeiros movimentos de uma máquina tão poderosa...Com esse exemplo, as dúvidas dos inexperientes se dissipam e a importância e utilidade da invenção se firmam decididamente...Foi inventada pelo Sr. Watt, após muitos anos de estudo e grande variedade de experiências custosas e trabalhosas (HUBERMAN, 1986, p.56).

A Revolução Industrial ocorreu na Inglaterra, pois esta possuía grandes reservas de carvão mineral em seu subsolo, a principal fonte de energia, após esgotadas as fontes vegetais, para movimentar as máquinas e as locomotivas à vapor. Além disto, os ingleses possuíam grandes reservas de minério de ferro, a principal matéria-prima utilizada neste período, como por exemplo, para a construção de ferrovias, vagões, locomotivas, as máquinas têxteis (NAVARRO, 2006).

Apesar de trazer grandes benefícios, no sentido de aumentar substancialmente a produtividade dos trabalhadores e das fábricas, a Revolução Industrial teve como consequências profundas mudanças econômicas, sociais e políticas, mas, talvez a mais irreversível foi a devastação na questão ambiental. Florestas inteiras foram dizimadas e houve muita contaminação de solo e água.

Segundo Spósito (1996); apud Silva, (2006, p.5): “a partir da intensificação da

produção industrial, tornada viável tanto graças ao capital acumulado, como pelo desenvolvimento técnico-científico a que se denomina Revolução Industrial, a urbanização tomou ritmos muito acentuados”. Segundo Silva:

A deterioração dos ambientes urbanos e rurais é consequência de um modelo de desenvolvimento pautado no crescente aumento da produção, do consumismo, da opulência e do desperdício, iniciados com a formação do modo capitalista de produção início do século XV, e acirrado com o advento da Revolução Industrial século XVIII e a formação da sociedade industrial urbana séculos XIX e XX, que ameaçam a sobrevivência das gerações futuras. Dentre as principais consequências desse modelo de desenvolvimento podemos citar: alterações climáticas; alterações do solo; assoreamento dos rios e lagos; aumento da temperatura da Terra; erosão do solo; desertificação; escassez de água potável; perda da biodiversidade; poluição do ar, da água, do solo, sonora, visual; redução da camada de ozônio; exclusão social (SILVA, 2006, p.5).

Vemos a ocorrência não apenas de desastres ecológicos, mas a existência de da mudança de padrões de uso dos recursos naturais provocada pelo modelo de reprodução e crescimento de nossa sociedade. O desmatamento, por exemplo, é consequência do aumento das atividades produtivas e econômicas.

No Brasil as regiões Norte (71%) e Nordeste (64%) são as regiões com maiores problemas de desmatamento, segundo pesquisa realizada pelo IBGE (2016). Sendo que a região Norte apresentava as maiores taxas de desmatamento por abrigar a maior parte da Floresta Amazônica. O desmatamento médio oficialmente registrado na Amazônia chegava acerca de 18 mil Km<sup>2</sup> anuais. Segundo pesquisa realizada pelo INPE (2016) registrou-se 14.915 km<sup>2</sup> de degradação no ano de 2007, contra 24.932 km<sup>2</sup> no ano de 2008 na área correspondente a Amazônia Legal.

Em 27 de setembro de 2013 o IPCC (Intergovernmental panel on climate change) divulgou que as atividades humanas contribuem com 95% a 100% do aumento da temperatura no planeta.

Segundo o professor Filipe Duarte Santos:

As atividades são essencialmente duas. A utilização dos combustíveis fósseis, do carvão, do petróleo e do gás natural. Esses combustíveis fósseis representam cerca de 80% das fontes primárias de energia em nível global, 80% é um valor muito elevado. E a outra

causa das emissões de dióxido de carbono na atmosfera são as alterações do uso dos solos e em particular, o desmatamento.

(Em: <<http://www.ecodesenvolvimento.org/posts/2013/setembro/sete-dados-alarmantes-sobre-o-aquecimento-global?tag=clima>>. Acesso em: 20 de maio de 2015).

Esse relatório do IPCC tomou por base 9.200 publicações científicas. Dentre elas destacam-se sete fatores alarmantes sobre o aquecimento global.

**1) 0,3 até 4,8°C:** é quanto a temperatura do planeta poderá aumentar no século 21, uma vez mantidos os padrões atuais de emissões de gases-estufa. Parece pouco, não é? Ledo engano. Tamanha alta seria suficiente para derreter geleiras, elevar o tamanho dos mares, provocar enchentes, furacões, afetar a produção de alimentos e forçar a migração desordenada de pessoas, só para citar alguns exemplos.

**2) 40%:** o aumento na concentração de dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>) na atmosfera entre 1750 e 2011.

**3) 26 até 82:** o valor em centímetros de quanto o nível do mar poderá subir até 2100.

**4) 90%:** a porcentagem da energia acrescida ao sistema climático, entre 1971 e 2010, que provocou o aumento dos oceanos.

**5) 95%:** a porcentagem de culpa do homem no aquecimento da Terra;

**6) 0,85:** temperatura em graus celsius que a terra e os oceanos aqueceram entre 1880 e 2012.

**7) 2.000.000.000.000 (dois trilhões):** toneladas de CO<sub>2</sub> lançadas na atmosfera pela queima de combustíveis fósseis, produção de cimento e desmatamento entre 1750 e 2011.

(Em: <<http://www.ecodesenvolvimento.org/posts/2013/setembro/sete-dados-alarmantes-sobre-o-aquecimento-global?tag=clima>>. Acesso em: 20 de maio de 2015).

Esses problemas apontados não nasceram hoje, são resultados gradativos na história, iniciados há alguns séculos atrás. Como pode-se constatar, há um problema ambiental, isso é notório. Esse problema causa medo e insegurança na espécie humana, pois o perigo de extinção ou possíveis sociedades futuras que sofram com a escassez de recursos, faz o ser humano buscar intensamente soluções para esse problema.

Na tentativa de pensar resoluções, alguns teóricos postulam que há um descuido e um descaso com o planeta Terra. Solos envenenados, ar contaminado e água poluída (BOFF, 2013). A Europa dizimou praticamente todas as suas florestas, outros países fazem o mesmo, espécies endêmicas são extintas e milhares de outras tiveram suas populações reduzidas a quase extinção.

Há um abandono da reverência, indispensável para cuidar da vida e de sua fragilidade. A continuar esse processo, até meados do século XXI terão desaparecido, definitivamente, mais da metade das espécies animais e vegetais atualmente existentes. É o que nos informa o conceituado e recente relatório sobre o estado da Terra (The State of Environment Atlas) dos Estados Unidos. Com eles desaparece uma biblioteca de conhecimentos acumulados pelo universo no curso de 15 bilhões de anos de penoso trabalho evolutivo (BOFF, 2013, p.20-21).

Essa sistemática apresentada por esses teóricos afirma que até meados do século XX o sistema econômico-científico consumia a matéria existente na natureza. A destruição era grande, mas, ainda produzia efeitos secundários. Após a Segunda Grande Guerra o aumento da força produtiva, em nome do progresso e do avanço científico, fez a humanidade entrar em uma era onde os efeitos de suas ações podem ser imprevisíveis para a própria existência da espécie.

O complexo não se limitou a intervir na natureza, mas, passou a produzir uma “outra natureza”, na ânsia de se emancipar plenamente da mesma. Às possibilidades de escassez de energia fóssil a resposta foi a tecnologia atômica; no plano da transformação das matérias-primas, técnica e ciência se concentraram nas transformações físicas e químicas da produção industrial; na agronomia, os métodos tradicionais de criação de animais e plantas, por meio da tecnologia genética, tendem a ser substituídos por intervenções diretas no material biológico (CUNHA, GUERRA, 2012, p.26).

Fica evidente, diante dos dados e estatísticas, que há uma realidade ambiental negativa no mundo, mudanças estão acontecendo e isso é perceptível a todos. Basta constatar a confusão climática das estações do ano ou a poluição de rios que outrora serviam para banho e lazer.

A respeito disso Garvey também afirma:

Costuma-se afirmar que a mudança climática é um problema distante; é para nossos filhos, mas, não para nós mesmos. Na verdade, nosso mundo já está ficando mais quente. Em termos de temperatura média globais, perto da superfície, as décadas de 1980 e 1990 foram as mais quentes desde que registros precisos começaram a ser feitos, de meados para o fim de 1800. Onze dos últimos doze anos estão entre os mais quentes no registro instrumental. A primeira década deste desagradável milênio já indica temperaturas superiores às da década de 1990. A média global das temperaturas na superfície cresceu 0,7 grau Celsius durante o século XX, sendo que os anos mais quentes nessa média são sempre os últimos. Um aumento de 0,7 grau não há precedentes na velocidade da mudança nos últimos 10 anos. Vale ressaltar que esse aumento é uma média – alguns lugares do planeta, particularmente os continentes, estão ficando consideravelmente mais quentes. É importante fazermos uma pausa e pensarmos sobre a natureza deste mundo em aquecimento que agora habitamos e sobre os efeitos desse aumento médio, aparentemente mínimo de 0,7 grau. Desde 1960, o nível do mar subiu cerca de 2mm, com uma taxa de aumento de cerca de 3mm por ano entre 1993 e 2003. O aumento geral deve-se, parcialmente, a expansão térmica – a água ocupa mais espaço quando está quente – bem como ao escoamento das geleiras derretem e às perdas das calotas da Groenlândia e da Antártida. Talvez não pareça um crescimento muito grande, mas se pensarmos na imensidão dos oceanos da Terra e no volume de água necessários para que possamos perceber algo de diferente neles, trata-se de uma mudança realmente enorme (GARVEY, 2010, p.11-12)

# **CAPÍTULO I - DISCURSOS PARA SOLUÇÃO DAS QUESTÕES AMBIENTAIS E A LÓGICA ASCÉTICA DESSES DISCURSOS**

## **1.1 OS DISCURSOS PARA SOLUÇÃO DO PROBLEMA AMBIENTAL**

A proposta deste capítulo é mostrar que, na tentativa de “salvar o planeta” ou pelo menos mitigar os impactos no meio ambiente, sociólogos, antropólogos, políticos, teólogos, cientistas e muitos outros terminam, muitas vezes, por culpabilizar os indivíduos comuns pelos problemas ambientais e acreditam que através da mudança de atitudes individuais promoverão as mudanças necessárias.

A questão ambiental está amplamente divulgada no mundo hoje. Por exemplo, Al Gore (2006) ex-vice presidente dos Estados Unidos ficou mundialmente conhecido por seu documentário *Uma Verdade Inconveniente*. Apesar da intencionalidade política e de alguns dados equivocados que são apontados por alguns cientistas, ele conseguiu deixar o mundo ainda mais culpado por toda a degradação ambiental, principalmente para as questões que envolvem o aquecimento global. Pelo menos ele não culpabilizou apenas os indivíduos, mas a todos, incluindo as grandes corporações e governos.

Pode-se até discordar dos dados e das pesquisas apresentados por Al Gore, a intenção aqui não é fazer uma apologia de seu trabalho, mas não dá pra discordar das fotos da floresta amazônica apresentadas por ele que demonstram a grande devastação provocada no curto espaço de vinte e seis anos (GORE, 2006).

Na mesma linha de Al Gore, porém um pouco mais incisivo, Lovelock apresenta também um cenário desalentador quando trata da real situação do planeta Terra. Ele criou um novo conceito: Era Gaia. Esse conceito concebe a terra como se ela fosse um único organismo vivo.

Lovelock é mais apocalíptico e cruel quando desenha o cenário futuro do planeta Terra. Ele afirma que até poderemos sobreviver a esse “caos”, mas nos depararemos com decisões aterrorizantes:

Somos animais fortes e adaptáveis e certamente poderemos criar uma nova vida na Terra mais quente, mas, restará apenas uma fração de terra habitável em comparação com a disponível em 1800. Se seguirmos um caminho verde puro e profundo e se, a qualquer momento no novo mundo, recommencarmos a extração e uso de combustível de carbono, correríamos o risco de destruir a nós mesmos e a maioria da vida não microbiana. Podemos usar tecnologia, mas nunca a ponto de perturbar a uma regulação planetária. A capacidade de Gaia se recuperar de uma perturbação estaria reduzida em uma Terra quente – e um renascimento da civilização do século XX seria então uma grande perturbação. Nosso primeiro imperativo é sobreviver, mas logo enfrentaremos a horripilante pergunta sobre quem poderemos deixar a bordo dos botes salva-vidas? E quem deveremos rejeitar? Não haverá como se esquivar desta pergunta, pois em pouco tempo haverá um grande clamor dos refugiados climáticos em busca de um porto seguro naquelas poucas áreas onde o clima é tolerável e há comida disponível. Não nos enganemos, a comparação com o bote salva-vidas é correta; os naufragos enfrentaram o mesmo problema: um bote salva-vidas sobrecarregado afundará ou será impossível de navegá-lo. As velhas regras em que fui criado diziam mulheres e crianças primeiro e o capitão afunda com seu navio. Precisaremos de um conjunto de regras para os oásis climáticos. (LOVELOCK, 2010, p.235).

Os teóricos que deflagram esse tipo de indagação geralmente são taxados como os “profetas do caos”. Há muita discussão sobre os exageros que são apresentados, para justificar os questionamentos. Contudo, há também grande consenso sobre a existência de uma crise ambiental. Sobre isso descreve Garvey:

No entanto, não há nada como um debate entre os cientistas quando se trata do fato da mudança climática ou do papel do homem nessa mudança. Na verdade, pouquíssimas pessoas fora da comunidade científica ou a margem dela dizem que o clima não está mudando. Outras aceitam o fato da mudança, mas insistem que ela faz parte de uma variação natural e que realmente não é causada pelos seres humanos. Alguns se deleitam na absurdidade de que temperaturas mais quentes beneficiarão a raça humana. Muitas conclusões já foram tiradas da conexão entre a indústria de combustíveis fósseis e o ceticismo em relação à mudança climática, mas, não levaremos isso em consideração neste livro (GARVEY, 2010, p.16).

Na ânsia de encontrar uma solução para um problema aparentemente insolúvel, dada a velocidade que aumentam os problemas com desmatamentos,

poluição do solo, água e ar, muitos esforços são direcionados para argumentos que são alicerçados na educação, conscientização e construção de cidadãos moralmente afeiçoados ao altruísmo para um bem comum maior.

Percebemos isso quando começamos a analisar as literaturas que promovem a discussão e o desejo transcendente de salvar o planeta. O teólogo Leonardo Boff, autor conhecido por sua luta ambiental, diz que se faz necessário introduzir uma responsabilidade socioambiental com programas que diminuam a pressão que a atividade produtiva e industrializada faz sobre a natureza e sobre a terra (BOFF, 2012).

Ele afirma que inovações tecnológicas mais suaves e ecoamigáveis ajudarão no propósito de conservação, mas, sem mudar o rumo do crescimento e desenvolvimento que implica na dominação da natureza. Ele continua e diz que não é possível um impacto ambiental zero, pois, toda geração de energia cobra algum custo ambiental.

Para Boff a sustentabilidade não acontece mecanicamente, ela é fruto de um processo educacional, no qual o ser humano redefine o feixe de relações entre ele e o universo, entre ele e a terra, a natureza e com a sociedade. Para ele é preciso respeito e amor a terra, para que as gerações futuras colham os frutos de uma democracia socioecológica. Assim, o caminho para mudanças de valores é a educação:

Estou convencido de que somente um processo generalizado de educação pode criar as novas mentes e novos corações, como pedia a Carta da Terra, capazes de fazer revolução paradigmática exigida pelo mundo de risco sob o qual vivemos. Como repetia com frequência Paulo Freire: “A educação não muda o mundo, mas muda as pessoas que vão mudar o mundo”. Agora todas as pessoas são urgidas a mudar, pois não temos outra alternativa: ou mudamos ou conheceremos a escuridão. (BOFF, 2012, p. 149).

Já em seu livro “Saber Cuidar”, Boff culpabiliza o ser humano pelo caos instaurado, quando afirma que as raízes de todos os males recorrentes é a falta de cuidado do ser humano com o mundo no qual ele habita.



O sintoma mais doloroso, já constatado há décadas por sérios analistas e pensadores contemporâneos, é um difuso mal estar da civilização. Aparece sob o fenômeno do descuido, do descaso e do abandono, numa palavra, da falta de cuidado (BOFF, 2013, p.18).

Nesse mesmo livro ele elenca dez tipos de descuidos praticados pela humanidade que precisam ser reorientados para que se alcance o ideal de mundo, de acordo com sua perspectiva, que não comprometa as gerações vindouras (BOFF, 2013).

O primeiro descuido destacado por ele é o com as crianças do mundo que são utilizadas como “combustível” na produção mundial. O segundo é o descuido com os pobres que espalhados pelo mundo sofrem com a tragédia da fome. Em seguida ele destaca o descaso com os desempregados e aposentados. Para Boff, pelo fato de estarem fora círculo produtivo são considerados zero econômicos ou descartáveis. Outro problema apontado é o descuido com aquilo que ele chama de “sonhos de generosidade” destruídos pelo individualismo e pelo neoliberalismo econômico.

Outro descuido ou descaso apontado por ele é o da sociabilidade nas cidades. A negligência com a inteligência emocional e com a dimensão espiritual também é apontado como um dos causadores do caos ambiental. A insuficiência de investimentos para acolher o pobre, são marcas do descaso pela coisa pública. Ele também aponta como um fator de descaso e descuido a falta de reverência com espécies animais e vegetais (BOFF, 2013).

Os dois últimos exemplos são mais amplos e abrangentes. Boff afirma que o descuido com o planeta terra, chamado por ele de “casa comum”, é o princípio da autodestruição. E por fim diz que regredimos à barbárie mais atroz (BOFF, 2013) quando tratamos com descaso generalizado a forma de se organizar nossas habitações. Ele afirma que milhões e milhões são obrigados a viverem em favelas, sem a mínima condição e que isso leva as pessoas a recorrerem à violência para resolverem seus conflitos. Não discordamos das críticas de Boff a essas consequências nefastas produzidas pelo sistema capitalista, contudo entendemos que enfatizar a conscientização dos indivíduos para que mudem suas ações do ponto de vista ético não é suficiente para se transformar a sociedade no nível necessário.

Tentaremos mostrar que este tipo de discurso se assemelha ao discurso cristão de salvação desta vida em uma vida futura a partir da conduta humana na terra.

## 1.2 A APROPRIAÇÃO CRISTÃ DO PLATONISMO E O DISCURSO MORAL EM RELAÇÃO À QUESTÃO AMBIENTAL

Boff não é o único a relacionar a solução dos problemas ambientais com princípios morais. Nossa hipótese aqui é que boa parte dos discursos que buscam soluções para a atual crise ambiental se baseiam no apelo às ações morais. Tentaremos mostrar no presente trabalho que esta forma de pensar é tributária do pensamento platônico, que foi posteriormente apropriado pelo cristianismo. Assim, em muitos casos, vemos o discurso ambiental se basear em argumentos decorrentes da metafísica platônico-cristã. Neste momento, abordaremos a influência do platonismo no cristianismo.

A cristianização do império romano por Constantino foi o marco histórico para que essa relação ganhasse proporções globais.

O início do século IV foi um dos períodos mais importantes de toda a história do cristianismo. Após as perseguições de Décio e Valeriano (250-259) houve quase meio século de relativa paz em que a igreja cresceu extraordinariamente. Veio então a última e a maior das perseguições, promovida pelos imperadores Diocleciano e Galério (303-311). No ano 313 ocorreu um fato de enormes consequências para a Igreja. O imperador Constantino declarou-se cristão e, junto com seu colega oriental Licínio, promulgou o edito de Milão, que tirou o cristianismo da ilegalidade e fez cessar definitivamente as perseguições. De uma hora para outra a Igreja viu-se livre, forte, rica e aliada do Estado. Essa nova realidade trouxe um preço: a crescente interferência do poder político na vida da Igreja. Com o fim da repressão estatal, a teologia saiu da obscuridade para se tornar uma questão de interesse público (MATOS, 2007, p.51-52).

Porém, antes de Constantino alguns teólogos já relacionavam o platonismo com o cristianismo, ou sob a influência platônica construíram doutrinas que são seguidas até os dias de hoje. Um desses homens foi Orígenes (185-254), um

sacerdote de Alexandria que escreveu mais de oitocentos livros. Ele é considerado o teólogo que mais sofreu influência do platonismo, principalmente quando desenvolve sua doutrina sobre a criação, conforme descreve Matos:

É na doutrina da criação que se percebe quanto Orígenes foi influenciado pelo idealismo platônico. Ele afirmou que Deus inicialmente criou um mundo invisível de intelectos puros, cujo propósito era a contemplação do Verbo, a imagem de Deus. Porém, sendo dotados de liberdade, muitos deles voltaram seus olhares para a multiplicidade, embora em diferentes graus. Daí uma existência de uma hierarquia de seres: celestiais, humanos e demoníacos. O mundo visível foi criado para ser um lugar de prova dos espíritos caídos. A criação desses dois mundos – espiritual e material – estariam descritas nos dois relatos paralelos de Gênesis 1 e 2 (MATOS, 2007, p. 51-52).

No entanto, o teólogo que sacramentou esse novo referencial teórico, juntando elementos da cultura hebraica com o platonismo, trazendo uma nova perspectiva para o cristianismo foi o monge Agostinho de Hipona. Considerado o equivalente latino de Orígenes, por sua genialidade, produtividade e influência, Agostinho foi o último dos grandes escritores cristãos da antiguidade. Ele foi o precursor da teologia medieval, tendo influenciado profundamente o protestantismo (MATOS, 2007).

Agostinho se afeiçoou à filosofia através do contato com uma obra do orador romano Cícero. Tornou-se professor de retórica em Tagaste e Cartago, depois foi para Roma e mais tarde para Milão. Ali recebeu grande influência da filosofia neoplatônica, conforme afirma Matos:

Em Milão, Agostinho recebeu influência da filosofia neoplatônica, que o convenceu da existência do Ser transcendente imaterial e lhe deu uma nova compreensão do problema do mal (corrupção ou ausência do bem). Impressionou-se com a eloquência erudita e com a pregação alegórica do grande bispo Ambrósio, considerado o maior orador sacro da antiga igreja latina (MATOS, 2007, p.77).

A sua principal obra intitulada *Da Natureza do Bem* (405), exerceu influência não só em seu tempo, mas, por toda a história da cristandade e exerce até hoje. O

protestantismo que, segundo Weber, foi o precursor do capitalismo, se apropriou das doutrinas agostinianas para desenvolver seus sistemas de crenças e economia que influenciaram nações inteiras, principalmente Inglaterra e Estados Unidos, considerados os grandes impérios do século XX.

Esses impérios não só exerceram a dominação econômica, como também emanaram toda sua cultura, principalmente para os países considerados subdesenvolvidos ou como atualmente são chamados, países em desenvolvimento. Prova disso, basta visitar qualquer residência brasileira que encontrará uma garrafa de refrigerante ou suco acondicionado em caixa de papelão, ou uma boa calça jeans.

Matos comenta que Agostinho estabeleceu a ideia de que a força negativa que exerce o mal no universo não é necessariamente uma força transcendente, mas, o próprio ser humano corrompido por conta daquela decisão autônoma tomada no jardim do Éden.

Em sua principal obra contra o maniqueísmo, *Da Natureza do bem*, Agostinho argumentou que não é preciso admitir duas forças iguais e opostas no universo (dualismo) para explicar o mal. Este não é uma natureza ou substância, mas a corrupção da natureza boa criada por Deus ou uma *privatio boni* (ausência do bem). Ele usou dois argumentos: metafísico (toda natureza criada é inferior a Deus e passível de corrupção) e moral (o mal moral decore do uso impróprio do livre arbítrio). Agostinho utilizou a filosofia (no caso, neoplatonismo) contra o maniqueísmo, adaptando-a à fé cristã, algo que vinha sendo feito desde a época de Clemente de Alexandria e Orígenes, por causa do entendimento de que toda a verdade é verdade de Deus, venha de onde vier. Ao mesmo tempo, discordou do neoplatonismo quanto à natureza de Deus (pessoal em contraste com o Uno impessoal) e à criação do mundo (a partir do nada ou ex nihilo em contraste com a eternidade da matéria). Com a ajuda da filosofia, Agostinho demonstrou racionalmente a superioridade do cristianismo e forneceu padrões para o pensamento cristão sobre os temas como Deus, a graça, a criação, o pecado, o livre arbítrio e o mal. Empregou argumentos já conhecidos, porém de forma nova e atraente (MATOS, 2007, p. 78-79).

Essa influência romana é facilmente percebida no Brasil, desde o catolicismo que, até a última constituição federal era a religião oficial do país, até mesmo em elementos presentes no nosso ordenamento jurídico. A cultura brasileira apesar de

muito miscigenada, foi construída sob essa influência e perspectiva, aliás, isso aconteceu em todo o resto do mundo ocidental. Os colonizadores portugueses e espanhóis eram movidos também pelo desejo de expansão da fé católica e os padres tiveram grande influência na colonização do Brasil.

Entrando mais precisamente no sentido de nosso trabalho, vemos que Pelizzoli afirma que o cristianismo é um caminho para a superação do capitalismo e da sociedade de consumo e que a natureza está sofrendo neste processo.

É de grande valia a ligação entre os processos de medos humanos internos e externos em relação à atual sociedade, onde a tendência da organização social no capitalismo e na sociedade de consumo é a do isolamento da salvação narcísica, da busca de remédios intimistas para os desafios e as dores. A proposta espiritual em jogo deve levar em conta o uso que se faz das religiões como busca de sanar esta dor de uma forma às vezes pouco integrada (pouco politizada) nas questões sociais. Neste sentido não se pode contar com o paraíso na Terra, com as promessas de Eldorado e felicidade plena enquanto os desafios existenciais-sociais passam ao largo do nosso agir. Por conseguinte, é preciso conceber que estamos em evolução, e esta deve ser acima de tudo um processo espiritual, de amadurecimento de valores; de igual modo, de resgate do caráter espiritual da humanidade unida a toda Criação. É neste contexto que se pode afirmar: “Na fase atual (a natureza) sente-se frustrada, distante da meta, submetida à vaidade.” Daí, com razão, diz Paulo que a “criação inteira geme até o presente e sofre dores de parto” (Rm 8.22). A criação inteira espera ansiosa pelo pleno amadurecimento dos filhos e filhas de Deus. Aqui se realiza o desígnio terminal de Deus. Somente então Deus poderá dizer sobre sua criação: “e tudo era bom” (PELIZZOLI, 2003, p. 80-81).

Um pouco mais explícito, Lynas em seu livro *A espécie divina*, coloca a humanidade como uma espécie divina criadora, mas, ao mesmo tempo destruidora de vida. Nesse livro ele demonstra como utilizar todo o potencial tecnológico (criado) para salvar o planeta dos próprios seres humanos. Ele argumenta que a humanidade foi a espécie que melhor se adaptou e por isso tem a soberania sobre as outras.

Nós produzimos novas químicas orgânicas e polímeros sintéticos que nenhum micróbio aprendeu a digerir (ainda) e que são venenosos para a maioria dos organismos – muitas vezes incluindo o

nosso. Quando falamos da biodiversidade global, comemos tudo que vemos pelo caminho – de peixes a sapos – consumindo-a vorazmente e passando à próxima espécie quando a anterior foi extinta. Aquelas espécies que não comestíveis, nós ignoramos e deslocamos, enquanto aquelas que nos ameaçam ou se atrevem a competir conosco são caçadas e aniquiladas impiedosamente. Esta é a nossa natureza rebelde revelada. Entretanto existe um paradoxo. Mesmo como um suposto organismo rebelde, a humanidade é um produto da evolução Darwiniana assim como todas as outras formas de vida naturalmente geradas que convivem no nosso planeta hoje. Além disso, nós não desenvolvemos a capacidade biológica de comer carvão e beber óleo – a energia destes abundantes “nutrientes” é queimada fora do corpo ao invés de metabolizada dentro dele. Então, por que nós? Nosso domínio do fogo foi produto de adaptabilidade e inovação com as quais a evolução nos equipou anteriormente e que nenhuma outra espécie, até então, possuía. O Grande Salto da Humanidade não foi a evolução, mas a adaptação – e poderia, portanto, mover-se mil vezes mais rapidamente (LYNAS, 2012, p.21).

Apesar de associar a humanidade a uma divindade, Lynas concebe a ideia de evolução demonstrando que, de alguma maneira, a evolução foi “generosa” transformando a humanidade na espécie mais evoluída ou adaptada que as demais. Consideramos este argumento antropocêntrico, pois não nos adaptamos melhor do que ninguém, talvez o contrário. Esse argumento, inclusive, é uma das bases do cientificismo por trás da ideia de progresso social, qual seja, a ideia de que a humanidade é uma espécie melhor e que domina a natureza. Essa ideologia nos parece equivocada. É interessante notar como que, até alguém que critica a ação humana frente ao mundo, crê, também, na superioridade deste mesmo homem enquanto animal. Crença esta que está nas bases da destruição da natureza pelo homem. Essa evolução tem de ser celebrada, mas, também é a raiz dos males do mundo? Isso não seria um paradoxo?

Apesar disso, ele ainda acredita que a humanidade consiga evoluir também em suas atitudes, apesar de não ser um entusiasta, mas, ainda assim, utiliza a palavra “acredito”. Desta forma, segue a mesma lógica metafísica para o argumento e para a expectativa de mudança:

A humanidade consegue administrar o planeta – e a si mesma – para essa transição para a estabilidade? Eu acredito que sim. Se vamos conseguir, resta esperar. Mas, os alicerces do otimismo podem nos

dar a motivação e a paixão de que necessitamos para termos sucesso. As vozes da destruição podem ser persuasivas, mas, aconselham a desistir antes mesmo de tentar. O mundo – e nossos filhos – merecem mais. A verdade é que os problemas ambientais mundiais são solucionáveis. Vamos em frente e vamos resolvê-los (LYNAS, 2012, p. 244).

A esperança parece sempre estar numa conversão ou mudança de padrões que adotem os princípios e valores morais como o esteio para promoção da sustentabilidade tão desejada.

Nos últimos tempos, é crescente a concepção de que os seres humanos precisam se preocupar com questões espirituais (metafísicas) e que elas são importantes na construção de uma nova sociedade, já que essa está totalmente contaminada. A chamada Inteligência Espiritual, aliada a já conhecida Emocional, tomam cada vez mais espaços em círculos de palestras e simpósios.

Esse ideal de conversão e mudança de padrões e valores tem mobilizado a juventude, outrora despertada apenas para questões políticas, por todo Brasil. Motivados por um ideal espiritual ou moral, esses jovens têm buscado criar espaços onde promovem a discussão de políticas públicas para jovens e para o meio ambiente, envolvendo o estado (prefeituras, secretarias) e igrejas (BONTEMPO, 2011).

Esse é o mesmo caminho adotado muitas vezes em escolas, universidade e na sociedade de forma geral. As campanhas, propagandas, folhetos e discussões sobre possíveis soluções para as questões ambientais que assistimos todos os dias estão sendo travadas no campo moral ou ético. Este tem sido o prisma para quase toda reflexão e práticas em relação a tudo que envolve essa discussão sobre conservação ou preservação do meio ambiente.

Numa vertente mais econômica e politizada, Abramovay afirma que o êxito na tarefa de preservar o meio ambiente será muito difícil de ser alcançada por causa do sistema econômico que chamamos de capitalismo. Ele afirma que esse sistema alimenta a ganância das empresas na ampliação de seus lucros, bem como a disseminação da mentalidade consumista que leva as pessoas a desejarem aumentar a cesta de bens e serviços e ainda tudo isso conta com o incentivo e a

conivência dos governos para que esses objetivos sejam alcançados. Para ele é quase impossível frear a expansão perpétua do capitalismo.

Portanto, modificar esse cenário onde as empresas se legitimam por seus lucros, onde os governos se pautam pelas taxas de expansão do PIB e onde os indivíduos sempre procuram meios para comprar e consumir sempre mais é uma tarefa inglória. Esse é o espírito do capitalismo.

Para ilustrar isso Abramovay cita a história do sapo e o escorpião que demonstra a natureza do sistema econômico vigente:

Convencido de sua boa fé, o sapo aceita levar o escorpião nas costas, na travessia do rio. Afinal, se for picado, é o próprio escorpião que com ele perecerá. No meio do trajeto, porém, sente que seu passageiro lhe crava fundo o ferrão. Antes de, com ele, afundar, desolado e perplexo, o sapo recebe a explicação: sou um escorpião, e essa é a minha natureza. Será possível, com o capitalismo, uma história diferente? Afinal, trata-se de um sistema em que as empresas procuram ampliar seus ganhos, os consumidores aspiram aumentar a cesta de bens e serviços a que têm acesso e os governos atuam antes de tudo para permitir que esses objetivos sejam alcançados. Portanto, nessas condições, como é possível que o sistema econômico tenha qualquer outro objetivo que não seja sua expansão perpétua? Em um mundo onde as companhias se legitimam por seus lucros, os governos pelas taxas de expansão do PIB e os indivíduos querem os meios para comprar sempre mais, o crescimento só pode ser o objetivo central da vida econômica. Imaginar o contrário não será o mesmo que se comportar como o sapo diante do escorpião? (ABRAMOVAY, 2012, p. 129).

Mesmo admitindo a impossibilidade de mudança do sistema econômico vigente, Abramovay acredita que inovações tecnológicas associadas à mudança de postura das pessoas traçará o caminho para as mudanças necessárias para a perpetuação dos recursos naturais.

Ele realça a importância das ações individuais e coletivas pressionando não apenas o setor público, mas o setor privado, sendo decisivas em suas mudanças de atitude. É nessa dialética e para resolver esses conflitos que nasce o conceito de *Sustentabilidade*. Em poucas palavras, trata-se da preocupação com a perpetuação dos recursos naturais e minerais para as próximas gerações.



Em seu livro “Muito Além da Economia Verde”, Abramovay propõe pelo menos duas mudanças substanciais. A Primeira mudança consiste na relação sociedade e natureza, na noção de limite e reconhecimento dos limites dos ecossistemas, ou seja, uma proposta moral. A Segunda mudança abrange inovações voltadas para a sustentabilidade, ou seja, menor dependência na forma do uso dos recursos.

Para o autor, a ética precisa desempenhar um papel fundamental nesta mudança de metabolismo social e industrial. As questões econômicas precisam ser pensadas não a partir do crescimento econômico, mas a partir de preocupações éticas. Por exemplo, não adianta as empresas que produzem veneno, produzi-los de forma menos danosa ao ambiente.

Ou seja, Abramovay é mais um exemplo de alguém que acredita na moral como solução. Por isso, ele também acaba sendo uma má referência de ceticismo. Ele apenas diz que só a ética não é suficiente, é preciso acrescentar a economia verde. Na verdade ele diz exatamente o contrário, diz que só a economia verde não é suficiente e que é preciso acrescentar a dimensão ética, conclusão que demonstra claramente o apelo moral das soluções ambientais até mesmo em discursos centrados na economia.

Chiavenato é outro autor que aponta o capitalismo como o grande responsável pelos danos a natureza e por toda a degradação.

Vivemos num mundo em processo de degradação, ameaçado, que precisa rever suas estruturas sociais, econômicas e políticas – e toda a superestrutura cultural - para que a espécie humana e as próximas gerações possam sobreviver; para nos livrarmos do paradoxo brutal do capitalismo, que, para existir, não hesita em ameaçar a sobrevivência da humanidade (CHIAVENATO, 2005, p.135).

Apesar de não acreditar na religião e nem na educação como um caminho para resolver o problema, aliás, tecendo várias e duras críticas a essa segunda, Chiavenato ainda deposita uma fé ingênua no ser humano, quando afirma que “pessimismo à parte, acredito no ser humano. O homem é um animal perigoso para o sistema: ele pensa. Do pensamento à ação, o caminho é longo e difícil. Mas, tudo muda.” (CHIAVENATO, 2005).

Acredita-se que o capitalismo é um sistema que está pra além do ser humano e por isso um dia ele (ser humano) despertará e derrotará esse inimigo. Porém, o capitalismo é sustentado e mantido pela ganância e desejo de poder dos próprios seres humanos. É algo que eclode de dentro das suas mais profundas ambições. Mesmo assim, existem autores que acreditam ser a educação a única saída para essa amargosa questão ambiental.

Para Berté, tudo poderá ser resolvido com uma boa gestão e ação participativa. Ele propõe que a discussão ambiental saia da esfera acadêmica e alcance as demais esferas de tomada de poder. O autor propõe a mobilização da sociedade por meio daquilo que ele chama de processos educativos (BERTÉ, 2009).

Nesse sentido a realização de atividades educativas, programadas para gestores ambientais, deve oferecer instrumentos que facilitem caracterizar um problema ambiental e envolver outras pessoas na sua discussão, pois, a partir de um problema ambiental observado é possível:

- verificar e reconhecer os principais atores sociais envolvidos e suas formas de organização;
- relacionar os efeitos sobre o meio físico-natural com ameaça à qualidade de vida dos grupos sociais afetados;
- conhecer o posicionamento da comunidade envolvida ou afetada;
- distinguir os aspectos da legislação ambiental federal relacionados (ao problema) e as possibilidades de sua utilização pelo órgão ambiental e por organizações da sociedade civil;
- aplicar procedimentos que facilitem a participação dos diferentes segmentos sociais no seu estudo (do problema), bem como na difusão dos resultados encontrados (BERTÉ, 2009, p.76).

Ele afirma que essas atividades educativas devem ser realizadas em grupos, envolvendo órgãos ambientais e ONGs. Isso promoveria a socialização dos resultados e garantiria obtenção de melhores resultados (BERTÉ, 2009).

### 1.3 A QUESTÃO AMBIENTAL DENTRO DA TEOLOGIA CRISTÃ

Fica muito claro, analisando os discursos, que há uma crença na ação moral do cidadão comum como solução para os problemas ambientais. Evidente que não

seria justo culpar o cristianismo pela problemática ambiental, porém, continuaremos mostrando que as ideias ou ideais utilizados nos discursos para solução da problemática ambiental, seguem a lógica platônica/cristã.

No cristianismo o indivíduo é o culpado por toda a desordem universal. Ele deu o início à desarmonia com a natureza, uma vez que desobedeceu a ordem dada por Deus, no jardim do Éden. Ele carrega a culpa, não só por seus pecados, mas, por tudo que acontece de ruim no mundo. Acreditamos que quando interpretamos os problemas sociais de nível macro como solucionáveis a partir de ações morais, estamos reproduzindo a lógica da salvação a partir das ações morais do indivíduo dotado de livre-arbítrio capaz de escolher o bem.

Para entender melhor isso, se faz necessário investigar as raízes do cristianismo. A origem remete a uma tradição bem antiga: a tradição dos Hebreus. O cristianismo se apropriou de toda cultura hebraica na construção de seus símbolos e valores. Adotou os livros dessa cultura milenar e até mesmo o próprio deus (Cristo), também de origem hebraica. Todo imaginário dos cristãos do primeiro século, inclusive até hoje, sofreu a influência determinante dessa cultura. Por conseguinte, todo o pensamento ocidental vai receber essa influência também.

Os hebreus têm um mito para explicar a origem de toda a degradação do meio ambiente. Para eles o mundo foi criado por Deus e feito em total harmonia entre ser humano e os demais elementos da natureza. Esse mito é chamado de o Jardim do Éden.

Esse jardim era um lugar separado de tudo aquilo que havia sido criado. Um lugar especial onde o primeiro casal humano desfrutaria de uma vida totalmente abastada. Waltke destaca assim:

Do radical hebraico gnn, significando “ser fechado, cercado, protegido”, “jardim” provavelmente denote uma área fechada, protegida, onde a flora viceja. Representa espaço territorial na ordem criada onde Deus convida os seres humanos a desfrutarem de bênção e harmonia entre eles e Deus, entre si, os animais e a terra. Deus é aqui singularmente presente. O Jardim do Éden é um templo-jardim, representado posteriormente no tabernáculo. Querubins protegem sua santidade (Gn 3.24, Êx 26.1, 2Cr 3.7) para que o pecado e a morte sejam excluídos. (Gn 3.23, Ap 21.8). A fé ativa é

um pré-requisito para este lar. Dúvida da palavra ou do caráter de Deus não pode residir no jardim (WALTKE, 2010, p.100).

Waltke completa essa ideia destacando o significado da palavra Éden:

A etimologia provável da palavra é um termo hebraico que significa prazer, deleite ou fecundidade luxuriante. A topografia, folhagem e rio celestial, tudo descreve uma cena de paraíso no Jardim do Éden. É o santuário arquetipo. Por inferência do texto, Éden, um lugar maior que o jardim contido em seu seio, é um monte que representa céu. A água flui através do jardim e então se divide em quatro afluentes para fertilizar a terra (WALTKE, 2010, p.101).

Aqui temos os primeiros indicativos das influências que sofremos dessa cosmovisão. Entendo que essa seja a origem do pressuposto para o modelo de Unidade de Conservação existente. Principalmente para as chamadas Unidades de Proteção Integral, onde o objetivo é preservar a natureza em sua totalidade, permitindo pouquíssimas incursões. O ideal de paraíso é celebrado e os esforços não são poupados, por parte da comunidade científica, para que se tenha cada vez mais locais com essas características. Dentro desta lógica, a verdadeira natureza é a natureza sem humanos. Ou seja, os humanos não fazem parte da mesma.

Por outro lado, a concepção de templo-jardim, um lugar onde Deus habita, onde o pecado e a morte são excluídos, vem ao encontro da ideia atual, por parte de alguns cientistas, que mesmo não venerando a natureza, sustentam um discurso de que ela está a serviço do ser humano para dela sejam tirados elementos que resolveram muitas mazelas humanas, como doenças ou até mesmo produzam melhor qualidade de vida. Nesse sentido também podemos destacar as Unidades de Conservação de Uso Sustentável.

Ainda sobre as Unidades de Conservação, elas foram criadas por meio de lei 9.985 que data do ano dois mil, ou seja, a impressão que se tem é que ainda é muito forte a influência hebraica-cristã nas tomadas de decisões e principalmente na formulação de leis, ainda que essa influência nos discursos seja inconsciente e desconhecida.

Na concepção hebraica-cristã, esse mundo/paraíso criado perfeito por Deus, foi corrompido pelo pecado. Pecado é caracterizado pela desobediência do ser humano em relação às ordens de Deus. Havia um contrato entre eles que foi quebrado e as consequências dessa desobediência atingiriam toda a criação:

A perspectiva agora muda de Deus como único ator para a humanidade como reagente. A mudança sutil de “os céus e a terra” para “a terra e os céus” poderia apontar para a mudança em perspectiva. O relato dos céus e da terra registra a mudança drástica da criação primitiva, muito bom para as realidades abruptas ora experimentadas do lado de fora do templo-jardim. Por meio da queda, pecado e morte entraram na raça humana e a terra tornou-se maldita. Ambos, humanidade e terra, passam a carecer de redenção (WALTKE, 2010, p. 93).

Pecado, na concepção hebraica-cristã, é toda a desarmonia existente no mundo criado por Deus e que foi causada pelo ser humano. Ele atinge tanto a raça humana culpada, quanto a natureza e tudo que foi criado. Waltke comenta também a esse respeito:

Como se dá com os outros, o castigo de Deus se ajusta ao delito. Em resposta ao pecado de Adão de comer, o discurso de Deus para Adão faz menção de “comer” não menos de cinco vezes. Adão igualmente sofrerá a dor e a frustração nas relações naturais. A relação natural do homem com o solo – o dominará – é revertido em vez de submeter-se a ele, o resistirá e eventualmente o deglutirá. A ecologia da terra em parte depende da moralidade humana. O narrador usa o mesmo termo usado para a angústia da mulher. O trabalho em si é uma bênção do trabalho de Deus, não uma maldição, mas, agora veio a ser maldito pela alienação da humanidade do solo que gera vida. A humanidade nunca mais será sempre recompensada pelo árduo trabalho. O desenvolvimento do que não é comestível rouba a terra de plantas vitais de que as pessoas necessitam para sua subsistência. A criação hostil que deve ser vencida pelo trabalho serve como parábola para a hostilidade espiritual que deve ser vencida pela sabedoria celestial (WALTKE, 2010, p. 113).

Não é sem razão que essa relação de “culpa” perdure até hoje na consciência humana. Por mais que discussões sejam travadas nesse campo, há

uma sensação que permeia nosso imaginário de que o grande responsável por toda a calamidade ecológica é o ser humano. E é! Mas não da maneira como os discursos sobre educação querem nos fazer crer. Entendemos que os problemas ambientais são causados em macro escala a partir da forma como nossa sociedade se reproduz materialmente, a partir da forma como produz tudo aquilo de que hoje se precisa para sobreviver dentro da mesma. Assim, defender a ética e a educação como caminhos para a resolução das questões ambientais nos parece ter o efeito de culpabilizar as vítimas.

Voltando à lógica hebraica-cristã, o trabalho passa a ser uma luta constante para dominar a natureza e extrair arduamente aquilo que nem sempre ela quer oferecer voluntariamente. A analogia com a indústria petrolífera é quase inevitável. O Brasil que outrora deitava “eternamente em berço esplendido”, hoje repousa sobre uma das maiores reservas de petróleo do mundo. O problema é que isso está profundamente escondido pela natureza e é necessário muita “luta tecnológica” contra o solo para alcançar essa commodities.

E essa luta contra a natureza não é motivada apenas por um desejo sustentável de obter dela o necessário para sobrevivência. O ser humano sempre quer mais, sempre quer extrapolar, sempre precisa de extrapolar suas necessidades. Consumir é poder. Ou pelo menos dá sensação de poder.

Foi justamente essa a tentação dos primeiros seres humanos, de acordo com a concepção hebraica-cristã. Eles foram tentados a buscar autonomia de poder. Essa foi a proposta da sagaz serpente. Não mais depender de um poder provedor e centralizador que lhes dava tudo que era suficiente. Eles desejavam ser os seus próprios provedores, independentes e senhores da sua própria história. Por isso a proposta de serem, assim como Deus, conhecedores do bem e do mal.

Waltke comenta:

Satanás polidamente manobra Eva para que pudesse parecer uma discussão teológica sincera, porém, subverte a obediência e distorce a perspectiva ao enfatizar a proibição de Deus, não sua provisão, reduzindo a ordem divina a uma questão: pondo em dúvida sua sinceridade, difamando seus motivos e negando a fidedignidade de sua ameaça. As acusações sutis da serpente às palavras de Deus distorcem inteiramente a verdade. Ela quer que a palavra de Deus

pareça dura e restritiva. Eva gradualmente cede às negações e meias-verdades da serpente, depreciando seus privilégios, fazendo acréscimo à proibição e minimizando a ameaça. Tentando remover os temores de Eva, a serpente contradiz a palavra de Deus. A palavra hebraica para “conhecer” é um particípio plural masculino. O significado é ambíguo. De um lado, o plural pode ser usado como forma honorífica para Deus, na qual a tradução apresentada é legítima. Do outro, pode ser um plural computável, em cujo caso a tradução seria “você serão como seres divinos, conhecedores do bem e do mal”. O último significado é mais provável, visto que, depois de comerem o fruto proibido, o texto diz sem ambiguidade: “se tornarão como um de nós, conhecedores do bem e do mal”. Em qualquer caso, a serpente faz com que Deus pareça estar restringindo-os da humanidade plena. Eva toma a decisão de dar prioridade aos valores pragmáticos, à aparência estética e aos desejos sexuais acima da palavra de Deus. Armstrong afirma: “O que Adão e Eva buscaram na árvore do conhecimento não era conhecimento filosófico ou científico tão desejado pelos gregos, mas, conhecimento prático que lhe daria benção e satisfação.” Não estão buscando mais informação, mas, fome de poder que vem do conhecimento. Conhecimento que tem o potencial para o mal termina igualmente para o bem (WALTKE, 2010, p.108-109).

#### 1.4 NATUREZA E MEIO AMBIENTE COMO CRIAÇÃO DE DEUS

Desde o início dos tempos, na concepção criacionista, o Criador criou o ser humano como um adorador, fez a natureza para servir a esse humano e desde então, o criador tem buscado se relacionar com este ser humano, criado a sua imagem e semelhança, estabelecendo assim uma aproximação entre criador e criatura e tendo como cenário desse encontro a natureza (jardim).

Todavia, é necessário definir o significado de criação para o cristianismo, a fim de chegarmos a um melhor entendimento do assunto em questão. De acordo com Gordon D. Kaufman a criação pode ser definida da seguinte forma:

Criar não é simplesmente “fazer” ou “construir”. “Fazer” (vem de uma raiz significando “colocar junto”) e “construir” conota uma mera reunião de materiais que já estão disponíveis. Além do mais, a despeito da intrincada estrutura, a reunião pode ser acompanhada quase inconscientemente e por instinto; e isto pode ser repetido muitas vezes. Assim, nós dizemos que pássaros constroem ninhos e castores, represas; mas nós não dizemos que eles “criaram” estas

coisas. “Criação” sugere um início muito mais radical do que fazer ou construir. Isto não é simplesmente um “pôr junto”; mais do que isto, isto envolve um trazer à existência alguma coisa que não existia antes. Neste sentido, a criação não pode ser repetida e também ser previsível; isto é, portanto, de certo modo, sempre uma inspiração temente, como um belo trabalho artístico. (KAUFMAN, 1968, P.140).

Muito embora exista uma tendência em afirmar que Deus criou o meio ambiente de material preexistente, já que o relato inicial consta de uma terra sem forma e vazia antes da agenda criacional de Deus, podemos compreender pela citação de Kaufman acima que, tudo o que Deus criou não foi apenas uma “reunião” de matéria, mas um ato miraculoso. Deus não organizou, reuniu e construí apenas; ele trouxe à existência o que não existia: ele trouxe vida ao planeta.

A despeito da afirmação cristã de que Deus criou tudo o que existe, a ciência moderna tem discordado desta versão, pondo em cheque o relato bíblico-criacional, no sentido de negar a criação original, oferecendo outra imagem para a criação do cosmos, como lembra Oswald Loretz:

A ciência moderna, entretanto, contrapõe à narrativa bíblica uma outra imagem do nascimento e do desenvolvimento da vida e do mundo. Ela, de fato, alimenta a certeza de que a perfeição não é própria das origens, mas sim a imperfeição e de que esta última, somente após um longo desenvolvimento, poderá chegar àquele estágio de perfeição que a visão mitológica coloca nas origens. Nesse caso, o pecado original bíblico não é uma decadência do primitivo estado de pureza e perfeição, mas uma queda para o alto, um passo necessário à frente, um primeiro avizinhar-se à liberdade do homem. (LORETZ, 1979, P.1).

Há ainda aqueles que entendem o relato da criação dentro de uma perspectiva mítica como Petter Enns, teólogo americano famoso por suas recentes controvérsias que lançam o relato da criação na categoria da alegoria, em direção ao terreno da igualdade literária com os antigos mitos da criação do cosmos, quando chega a afirmar em seu livro que:

Se as histórias do antigo Oriente Próximo são mitos (definidos deste modo como pré-científicas histórias das origens), e desde que



histórias bíblicas são suficientemente similares a estas histórias para convidar a uma comparação, isto não indica que mito é a categoria própria para entender Gênesis? (ENNS, 2005, p. 41).

Enns ainda chega a declarar que os capítulos iniciais de Gênesis compartilhavam da mesma cosmovisão que Antigo Oriente Próximo tinha da origem da vida: “os capítulos de abertura de Gênesis participam de uma cosmovisão que os antigos israelitas compartilharam com seus vizinhos Mesopotâmicos”. (ENNS, 2005, p. 55).

Contudo, na perspectiva cristã, ao examinar o livro sagrado deles, pode-se notar claramente que há uma perfeição e harmonia na criação de Deus, que jamais foram encontradas em qualquer relato mítico sobre a criação do universo. Esta perfeição original da revelação de Deus através da criação, é o motivo pelo qual toda a natureza/meio ambiente revela a glória de Deus, servindo de inspiração para que o próprio ser humano contemple o Criador e o adore, conforme expressa o Salmo 19:

Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos. Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite. Não há linguagem, nem há palavras, e deles não se ouve nenhum som; no entanto, por toda a terra se faz ouvir a sua voz, e as suas palavras, até aos confins do mundo. Aí, pôs uma tenda para o sol, o qual, como noivo que sai dos seus aposentos, se regozija como herói, a percorrer o seu caminho. Principia numa extremidade dos céus, e até à outra vai o seu percurso; e nada refoge ao seu calor. (Salmo 19.1-6).

Através da citação acima pode-se afirmar que se o Criador é considerado um ser perfeito em toda a sua plenitude, e o meio ambiente é a revelação natural deste Deus à toda criatura, então esta mesma criação pode ser considerada perfeita no seu estado inicial, conforme relata os capítulos iniciais de Gênesis.

Por conta disso a culpa do ser humano fica muito mais evidente com o episódio da “queda” narrado no capítulo três do livro do Genesis.

Segundo Paul Hoff, a ideia mais importante que encontramos no relato da criação é a de que há um Deus, que é o Criador de todas as coisas e este Deus fez

questão de se revelar soberanamente no primeiro capítulo da Bíblia, autenticando-se para toda a natureza como objeto único de adoração:

Qual é a ideia mais importante que encontramos no relato da criação? Não é a descrição do processo de criar, nem a dos detalhes acerca do homem, por mais interessantes que sejam. Tal ideia é: há um Deus, e por ele foram feitas todas as coisas. A frase “No princípio...Deus...” é a resposta aos erros do politeísmo, do materialismo, do panteísmo e do dualismo. Além do universo, há um ser eterno que é superior à sua criação. A figura de Deus domina o primeiro capítulo da Bíblia. Seu nome aparece trinta e cinco vezes nos trinta e quatro versículos. (HOFF, 1990, p. 24.).

O cristianismo afirma que uma das maneiras de contemplar a glória de Deus através da natureza é sem dúvida considerando-a como uma obra de arte, esculpida ou desenhada pelas mãos de um habilidoso artista, chamado de Criador.

João Calvino destaca a perfeição da natureza criada por Deus, que assim como uma obra de arte, oferece ao ser humano motivos de admiração e adoração ao seu Criador:

Quando refletimos de quão grande artífice haja sido o ordenar e ajustar em tão maravilhoso concerto essa multidão de estrelas que está no céu, que nada mais belo em aparência se possa imaginar, a umas de tal modo inserir e fixar em suas posições, que se não possam [delas] afastar, a outras conceder mais livre curso, todavia, em moldes tais que, errando, não vagueiem além do espaço [assinado], o movimento de todas assim a regular que [nessa base] se meçam os dias e as noites, os meses, os anos e as estações do ano, e, ademais, reduzir a tal proporcionalidade essa desigualdade dos dias que observamos quotidianamente, que nada encerre de confusão. Assim também, quando atentamos para o poder em sustentar a tão ingente massa, em governar a tão célere convulsão da máquina celeste, e em similares. (CALVINO, 1985, p. 197-198).

Charles Colson destaca que para o cristianismo a arte é um método importante de se compreender a natureza criada por Deus. Com seu método nossos sentidos se tornam mais aguçados para perceber as obras criadas por Deus. É por este motivo que muitos artistas são motivados a produzir suas magníficas obras, através da contemplação da natureza, tais como as músicas de Bach, os quadros de

Rembrandt, e as obras de Michelangelo. (COLSON, 1999, p.440). Portanto, é preciso que haja na alma de cada artista e cada apreciador, um sentimento de devoção pelo dom concedido por Deus aos homens para representar de maneira belíssima as obras da natureza.

Ainda de acordo com Hoff: “O capítulo 1 do Gênesis foi escrito não tanto para descrever o processo de criação da natureza e do meio ambiente, mas sim, para mostrar sua causa e propósito. Ressaltar a grande verdade de que Deus é o Criador” (HOFF, 1990, p.25). Este, portanto, deve ser o motivo principal da adoração da Igreja em toda a sua existência, conforme declara o texto de Apocalipse 15.3, que retrata a adoração do povo redimido do Criador em sua presença celestial: “E cantavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e admiráveis são as tuas obras, ó Criador Deus Todo-Poderoso; justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei dos séculos”.

John M. Frame aponta para as diversas referências bíblicas, onde a natureza é o motivo principal para a Adoração a Deus, além de apresentar objetos inanimados da própria natureza que adoram ao Criador, como se pode ver em textos como os Salmos 19.1-4; 50.6; 89.5; 98.7-9; 148.1-14; e Isaías 55.12. De acordo com Frame, quando o ser humano se encontra com a santidade de Deus, neste caso revelada pela natureza, ele inevitavelmente é conduzido a adorá-lo (FRAME, 2002, p. 291-293).

Assim sendo, pode-se compreender que a dinâmica da adoração não ocorre de maneira forçada ou manipulada por outrem; mas sim, através de um processo que é inerente a humanidade, estando presente em sua essência desde o início de todas as coisas. Acima de tudo, a adoração é natural, no sentido de fazer parte da natureza e função da raça humana.

De acordo com a interpretação de Charles Colson, o ser humano foi criado com a capacidade de apreciar a estética da natureza para então adorar o Criador. Para ele, isto foi um dom que Deus concedeu a humanidade. Além disso, é possível encontrar nas Escrituras o mandamento para que a humanidade pratique este dom, usando as suas melhores habilidades, inclusive aplicando-as na edificação de belos templos onde o Criador deve ser adorado. (COLSON, 1999, p. 441).

Desta forma, não existe nada de errado em se edificar belos templos para adoração, já que esta é uma específica ordem bíblica presente desde as primeiras instruções arquitetônicas para a construção do tabernáculo presentes no Pentateuco (Ex 25,26 e 27). Também não foi diferente em relação ao templo de Salomão, que era belíssimo, e cuja obra foi uma clara instrução divina. Ali, Deus também se revelou exigente no que tange à construção de sua Casa de Oração (2 Cr 3 e 4). Também não há nada de errado em usar os recursos naturais para a construção desses templos. Muita madeira, ouro, pedras preciosas etc, foram utilizados para essas edificações.

Outro aspecto interessante é ver como a natureza funciona como uma espécie de templo para que os seres humanos, criados por Deus, possam adorar a esse Deus reconhecendo que ele criou todas as coisas.

Para o cristianismo a natureza tem duas funções: ser o meio pelo qual o Deus criador é cultuado e fornecer meios para que esse ser humano sobreviva para continuar cultuando. Conforme afirma J. I. Packer: “Depois que criou o homem, Deus o colocou no jardim do Éden. Aqui, Deus ordenou ao primeiro homem e à primeira mulher (Eva) que o adorassem e governassem a terra. (Essa ordem às vezes é chamada de nosso "mandato cultural").” (PACKER, 1988, p. 12).

O mandato cultural implicava em que o ser humano era responsável pela segurança do jardim (Éden), porém, ele poderia também lançar mão das suas benesses e explorá-lo. Por isso os termos utilizados nas escrituras são: Cultivar e Guardar.

Segundo Lewis Sperry Chafer a contemplação da natureza criada e o cuidado com a mesma, que é o mandato cultural, deu ao ser humano a oportunidade de admirar o Criador e apreciá-lo pelo bem da vida:

A natureza, mesmo em seu estado primevo, deixou lugar para o bem das artes e das atividades. Era uma ocupação própria para o estado de inocência, a fim de fazer provisão para a vida, não para a concupiscência, e dava ao homem uma oportunidade para admirar o Criador e reconhecer a sua providência: enquanto as suas mãos estavam postas nas árvores, o seu coração poderia estar posto em seu Deus. (CHAFER, 2003, p. 608).

O Jardim do Éden, portanto, representa o ambiente original onde os elementos básicos e únicos do culto ao Criador serão desenvolvidos na história do seu povo escolhido, em todos os tempos, segundo os próprios dados históricos das Escrituras Sagradas, desde o Antigo até no Novo Testamento.

Em se tratando de testemunho pessoal no trato com o serviço cristão no sentido de glorificar a Deus, merece destaque a figura de Francisco de Assis. O autor da obra “Where Garden Meets Wilderness”, E. Calvin Beisner lembra que, sem dúvida alguma, uma das figuras mais representativas da história da Igreja, que honra a Deus com seu trabalho, é Francisco de Assis, especialmente no seu trato com os animais e a natureza de uma maneira geral. Contudo, o mesmo Francisco de Assis é lembrado por reconhecer que a natureza foi um presente de Deus para a humanidade, dada para o governo humano, não para sua própria exaltação, mas somente para a glória de Deus. (BEISNER, 1997, p. 16-17).

Um olhar atento para o relato das origens compreende que o culto cristão estava presente no Jardim do Éden, em sua forma mais essencial, como uma exigência divina ao primeiro casal. Na verdade, este serviço incluía o serviço no Jardim do Éden que representa a adoração ao Deus Criador, como expressa o verbo “abad” traduzido como “cultivar”, que pode ser observado pela primeira vez em Gênesis 2.5: “Não havia ainda nenhuma planta do campo na terra, pois ainda nenhuma erva do campo havia brotado; porque o SENHOR Deus não fizera chover sobre a terra, e também não havia homem para lavrar o solo.”

A expressão abad também pode ser observada no versículo 15, do capítulo 2 de Gênesis, versículo chave para o entendimento do mandato cultural no Éden: “Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar”.

No Antigo Testamento o verbo abad pode significar: “trabalhar o solo” (Gn 2.5); “cultivar vinhas” (Dt 28.39); “trabalhar em linho fino” (Is 19.9); e até mesmo “construir uma cidade” (Ez 48.18). De acordo com o Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento:

Ao que parece, a etimologia desta raiz partilha das ideias de diversas raízes semíticas, por exemplo, a antiga raiz aramaica que significa

“fazer”, uma raiz árabe que tem o sentido de “adorar”, “obedecer (a Deus)”, e o seu grau intensivo, com o sentido de “escravizar”, “reduzir à escravidão”. (HARRIS, 1998, p.1065).

Muito embora o sentido original mais básico da raiz hebraica “abad” seja “trabalho” ou “serviço”, como pode-se ver nas referências acima, esta palavra também foi várias vezes usada para se referir ao serviço sagrado ou adoração ao Criador. Como esta expressão foi primeiramente registrada no Jardim do Éden, podemos compreender que Adão e Eva foram chamados para serem os primeiros adoradores da humanidade, e que o Jardim do Éden foi o primeiro ambiente escolhido por Deus para receber a sua adoração.

Todas as expressões religiosas e culturais de Israel estavam ligadas ao sentido último de culto. De acordo com Beisner a noção que se possui de cultura vem da raiz latina *colo* que tem o significado amplo de “cuidar do solo”, então “habitar”, e por fim “adorar”, e desta forma encontramos vários significados através desta expressão, tais como: “agricultura”, “cultivação”, “cultura” e também “culto”.

É possível então compreender que, enquanto o ser humano exercia seu trabalho cuidando do jardim de Deus, ele também prestava culto ao Criador, o glorificando com as obras das suas mãos. (BEISNER, 1997, p.16).

Henri Blocher também oferece uma interessante análise das expressões “para cultivá-la”, e a expressão “e para guardá-la”, registradas em Gênesis 2.15, para se referir ao conceito de adoração no Jardim do Éden:

Assim o paraíso não é uma ‘terra encantada, não é uma utopia’; o homem recebe a tarefa de preencher aquele lugar. O Senhor “pôs o homem no jardim do Éden para o cultivar e o guardar.” (Gn 2.15). Engnell reconheceu nestes dois verbos a mesma expressão real e cültica conotativa como nos termos do prólogo, no sexto dia. Aqui nós temos certamente o serviço, outra expressão para o mandato de dominar a terra que foi dada no primeiro capítulo. Nós podemos imediatamente checar aqui quão distante o governo do homem difere daquele autocentrado governo tirano. Em hebraico “cultivar” é literalmente “servir”. Mesmo nas suas relações com o solo, a humanidade deve manter sua humildade. O uso do verbo pavimenta o caminho para a condenação dos “destruidores da terra” (Ap 11.18), estes são culpados pela depredação ecológica. O homem não só governará a terra pela obediência a esta lei (F. Bacon), mas ele fará

isto porque a boa criação em si mesma pode completar sua vocação de glorificar o Senhor. O cultivado jardim será como uma canção de louvor a Deus da ordem e da vida, ao Deus de paz. (BLOCHER, p. 120).

Na concepção cristã, o mandato cultural continua sendo uma responsabilidade humana de adoração ao Criador, ou seja, o ser humano ainda é responsável por cuidar da natureza, mas, também pode explorá-la através do trabalho, afinal, Deus a criou para esse fim também.

De acordo com John H. Sailhamer, porém, existe uma ligeira diferença entre os termos usados por Deus para o trabalho que o homem exercia antes da queda, o mandato cultural e o trabalho que o homem passou a exercer depois de sua expulsão do paraíso. Para ele, o trabalho dado ao homem, conforme a narrativa de Gênesis 2.15, tem o significado de “adoração”, enquanto que “trabalhar o solo” em Gênesis 3.23, é um resultado da queda. Aqui há uma irônica reversão de sentido entre “trabalho”, antes da queda, e “lavar o solo”, como consequência do pecado. Este segundo é um pobre e sofrido contraste do primeiro, que era realizado por prazer e não por mera obrigação. (SAILHAMER, 1996, p. 75).

G. K. Beale também destaca que é preciso notar como o mandato de “se multiplicar e encher a terra”, dado a Adão e Eva por Deus, a fim de que seu nome fosse glorificado em todo mundo foi passado e renovado de geração a geração, demonstrando que os planos de Deus não foram frustrados com a queda, conforme se pode perceber nas referências bíblicas que serão mencionadas abaixo. (BEALE, 2004, p. 94-95).

Para Adão e Eva, diz o texto que “Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra” (Gn 1.28).

Benção e prosperidade são palavras ligadas ao consumo ou enriquecimento por meio da natureza. O aumento das posses ou riquezas está ligado ao fato de ser ou não abençoado por Deus, no imaginário desse povo. Na concepção cristã o mundo, a natureza ou o meio ambientes são locais de adoração a Deus, mas, também os meios para a sobrevivência desse ser humano criado.

Essa concepção fica ainda mais clara quando observado que há uma atribuição na esfera espiritual para elementos da natureza. Por exemplo, de acordo com de Vaux, lugares sagrados são marcados por “Águas Sagradas”. Sabe-se, por exemplo, que os judeus reconheciam a bênção de Deus através da presença da água que fecundava a terra, nos poços que saciavam os rebanhos, nas árvores que tinham vida através das águas e nas nuvens de onde as águas desciam.

Esta também é uma característica presente no Jardim do Éden, já que ele era banhado por um rio que se dividia em quatro outros, demonstrando sua fertilidade: “E saía um rio do Éden para regar o jardim e dali se dividia, repartindo-se em quatro braços” (Gn 2.10).

A presença de um rio próximo à árvore da vida na cidade sagrada, também é citada no livro do Apocalipse:

Então, me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da sua praça, de uma e outra margem do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos. (Ap 22.1-2).

De Vaux (2004) também comenta em terceiro lugar que, assim como também expressa o texto de Apocalipse citado acima, um lugar era considerado sagrado se também possuísse árvores sagradas. Não só na cultura judaica, como também em todo o Oriente Próximo, foram identificadas árvores sagradas, que por sua vez, marcaram lugares sagrados e ainda hoje na Palestina, uma árvore ou um grupo de árvores marcam lugares de adoração.

O Antigo Testamento traz algumas citações de árvores que marcaram lugares sagrados. É provável que a palmeira de Débora, lugar de julgamento, localizada entre Ramá e Betel, tivesse tomado uma conotação religiosa (Jz 4.5). O carvalho de Siquém, onde Jacó enterrou os ídolos de sua família (Gn 35.4), que aparentemente se revela novamente em Josué 24.26 como “santuário de Javé”, onde Josué levantou sua famosa pedra, sendo identificado como “Terebinto da estela que está em Siquém”, lugar de culto onde Abimeleque foi proclamado como rei, conforme Jz 9.6. Próximo a Hebrom, havia o Carvalho de Mambré, local em que Abraão foi



visitado por três homens misteriosos e onde ele ergueu um altar ao Criador. (Gn 13.4,8 e Gn 13.18). Em Berseba Abraão inaugurou um local de adoração ao Criador e para isto ele “plantou uma tamargueira” (Gn 21.33).

O Jardim do Éden é notadamente marcado pela presença de árvores, sendo muitas delas para o alimento humano. Uma proibida para o alimento, que era a árvore do conhecimento do bem e do mal e uma com um caráter sagrado, a árvore da vida: “Do solo fez o SENHOR Deus brotar toda sorte de árvores agradáveis à vista e boas para alimento; e também a árvore da vida no meio do jardim e a árvore do conhecimento do bem e do mal” (Gn 2.9).

A árvore da vida será lembrada pelo seu caráter sagrado no livro do Apocalipse em quatro citações. Na primeira delas, a árvore da vida é um prêmio para o vencedor: “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas: Ao vencedor, dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus” (Ap 2.7).

Na segunda citação, a árvore da vida é frutífera, cujas folhas servem para curar as nações: “No meio da sua praça, de uma e outra margem do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos” (Ap 22.2).

Na terceira referência, a árvore da vida é um direito adquirido para aqueles santos que lavaram suas vestes no sangue do Cordeiro, que é Cristo: “Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro, para que lhes assista o direito à árvore da vida, e entrem na cidade pelas portas” (Ap 22.14).

Na quarta citação, a árvore da vida representa um direito retirado daquele que abstrai qualquer coisa das palavras proféticas contidas no livro do Criador: “e, se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, da cidade santa e das coisas que se acham escritas neste livro” (Ap 22.19).

Como se vê pelos textos acima, a árvore da vida centralizada no Jardim do Éden é autenticada pelo seu valor sagrado no livro do Apocalipse de João, que basicamente revela o significado mais profundo da instituição desta árvore por Deus, desde o início dos tempos: ela é mais um sinal visível que marca o Jardim de Deus como um Templo-Jardim do Criador.

Não há de se dizer que o cristianismo é o culpado por toda a desgraça ou degradação do meio ambiente, apesar de alguns teóricos afirmarem ser ele o grande culpado por todo esse caos. Alguns afirmam que a influência do pensamento cristão na questão ecológica é a maior culpada pela grande devastação sofrida pela natureza, quando remetem ao mito do Jardim do Éden e afirmam que ali surgiu a ideia exploratória e dominadora dos seres humanos frente a natureza, principalmente quando citam os filhos do pseudo primeiro casal do mundo, como sendo um agricultor e outro caçador. Acerca disso afirma Pelizzoli:

Alguns ecólogos, porém, como na linha da deep ecology, apontam, além da ciência e tecnologia modernas, para o cristianismo em sua simbologia, forma de religiosidade e doutrina – como inspirador da dicotomia homem-natureza que está na base da crise ecológica. O que importaria é o fato da “salvação”, questão metafísica entre Deus e o homem. Tomam como sintomático o texto de Gênesis 1.28s: “multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre [...]” (PELIZZOLI, 2003, p. 77).

Gambini (2000) também aponta para o mesmo sentido, demonstrando que a lógica judaico-cristã é a fomentadora de toda a problemática ambiental:

Partindo de um monoteísmo distante e até pouco amigo da natureza, tem-se uma sociedade que chega ao extremo de se sentir quase um deus, ratificando com a recente descoberta do genoma humano. O sentimento de “poder tudo” reduz o sentimento de “Mãe Natureza” e faz perder os limites tradicionais de uso ou, aplicando a tradição judaico-cristã que favorece a cobiça, a acumulação da riqueza, instaura-se a lógica da destruição ilimitada, pois a natureza passa a ser apenas uma mercadoria que pode ser aproveitada agora, sem se importar com um futuro que, com perigosa arrogância, pensam poder contorná-lo [...] A tradição cristã, para melhor destruir deuses dos povos que os impérios europeus conquistaram, denegriu a floresta, onde vivem os espíritos do mal, o lobo feroz, as bruxas, os anões e a demoníaca serpente, entre outros seres abomináveis. (DOUROJEANNI, PÁDUA, 2001, p. 222).

Apesar de apontar o ser humano como o grande causador do problema, o próprio Cristianismo também o aponta como solução do mesmo. Falando acerca do processo redentivo efetuado por Cristo, Geerhardus Vos ainda declara que este se

inicia a partir do Antigo Testamento, onde o Filho de Deus é revelado. E ao enumerar quatro divisões da revelação ministrada por Cristo, em pelo menos duas ele cita o Antigo Testamento, onde a revelação natural ou revelação geral se estende indefinidamente desde o ato da criação; e a revelação da economia salvífica de Deus, revelada desde a entrada do pecado no mundo, se estende até à encarnação do Verbo, registrada no Novo Testamento. (VOS, 2010, pp. 414-415).

Desta forma, Geerhardus Vos faz uma conexão exegética entre os termos *Logos*, usado especialmente no Evangelho de João para se referir a presença do Cristo na criação, com a revelação redentiva ou especial, pois Cristo é Revelador Redentor e não há como separar sua natureza. Em muitos casos, reduz-se a presença de Cristo na criação apenas pela definição compreendida como revelação natural ou geral. (VOS, 2010, pp. 415-416). Mas a presença do Logos na criação representa muito mais do que isto. A presença de Cristo no Éden representa redenção.

Jesus, como o segundo Adão (2 Co 5.21), não falhou como o primeiro em ser a imagem de Deus. Ele, na verdade, restaura a humanidade caída não segundo o primeiro Adão, mas segundo a sua própria imagem, que é a imagem perfeita de Deus. Esta imagem, assim como toda a criação, aguarda o glorioso dia em que Cristo se manifestará e reconduzirá todas as obras criadas de Deus à perfeição, conforme registra a Epístola de 1 Jo 3.2: “Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é.”

É necessário notar aqui como o plano de redenção divina se fez presente já nas primeiras eras da raça humana, registradas nas páginas de Gênesis. Diante disso o cristão passa a ter fé no Deus que pode redimir a natureza e redimir ele próprio. A fé passa a ser a cosmovisão do crente e ele se torna uma espécie de agente de restauração da natureza e passa a desenvolver uma “moral ambiental”, protegendo-a e conservando-a para alcançar os benefícios dessa redenção que Cristo teria realizado ainda no jardim do Éden.

## 1.5 A ENCÍCLICA PAPAL SOBRE O MEIO AMBIENTE

Em vinte e quatro de maio de dois mil e quinze, o papa Francisco, o maior representante da cristandade no mundo, emitiu uma Encíclica “Laudato Si – Sobre o cuidado da casa comum”, tratando sobre questões ambientais e sugerindo algumas soluções para esse problema.

O papa Francisco escreve em 246 parágrafos, que foram divididos em seis capítulos, um apelo não apenas aos cristãos, mas, a todos os seres humanos que habitam o planeta. Ele conclama as pessoas para uma “solidariedade universal”, um pedido de união para todas as famílias na busca de um desenvolvimento sustentável para o planeta.

Fica claro, logo de início, que o papa Francisco também acredita que a mudança nas questões ambientais e a solução para “salvar” o planeta deve começar individualmente nas pessoas, através das mudanças de atitudes.

Ele destaca alguns discursos, como por exemplo, do Patriarca Ecumênico Bartolomeu, principalmente no que diz respeito ao seu apelo da necessidade de cada um se arrepender do próprio modo de maltratar o planeta.

Um modelo apresentado pelo papa é o de S. Francisco de Assis. Um santo católico que torna-se padrão de cuidado com a natureza, com os animais e com os pobres e necessitados.

O papa afirma que a terra pode ser comparada com um grande depósito de lixo. Ele aponta a poluição atmosférica como o causador de inúmeras mortes, classificada por ele como prematuras.

Ao tratar dos gases que provocam o efeito estufa, ele alerta para o preocupante aquecimento global. Nesse ponto, seguindo a lógica de culpabilização moral dos indivíduos, Francisco apela para uma mudança nos estilos de vida, de produção e de consumo. Segundo ele, esses são os caminhos para combater esse problema.

Mais adiante, o papa trabalha a questão do esgotamento dos recursos naturais, destacando que o nível de consumo dos países mais desenvolvidos precisa frear para evitar um cataclismo. Ele destaca o problema da água, ou falta dela, destacando o perigo da privatização desse recurso. Isso ocasionaria a

restrição, ainda maior, em cima de países pobres, como por exemplo, os do continente Africano. Isso é verdade e neste ponto o argumento do papa é puramente econômico.

A perda de biodiversidade é outro problema elencado pelo papa Francisco. Aqui ele destaca os chamados “pulmões do planeta”, como por exemplo a Amazônia e a bacia fluvial do Congo. Ele apela à resistência contra os interesses internacionais que visam explorar essas áreas. Segundo o papa, esses interesses, além de deteriorar o meio ambiente, pode afetar também a soberania nacional desses países.

Outro aspecto interessante, destacado pelo papa, é sobre aquilo que ele chama de “desigualdade planetária”. Francisco afirma que o ambiente humano e o natural degradam-se em conjunto e que o resultado é sempre o prejuízo dos mais fracos e pobres. Ele usa a bipolaridade clássica entre norte e sul, demonstrando que os países mais desenvolvidos têm uma “dívida ecológica” com os países mais pobres.

O papa também destaca e critica dois extremos, em relação a possíveis soluções para o problema ecológico planetário. Ele menciona aqueles que sustentam a ideia de que os problemas ecológicos resolver-se-ão com o desenvolvimento tecnológico, sem levar em consideração aspectos éticos. Ele destaca também que aqueles que culpabilizam o ser humano por todo o desequilíbrio da natureza e por isso sugerem a redução da quantidade de pessoas na terra, com o fim de impedir a sua intervenção no planeta.

No segundo capítulo Francisco convida a religião e a ciência para um diálogo na intenção de tentar resolver as questões ambientais. Ele relembra o mandato cultural, onde Deus no capítulo três do livro do Gênesis ordena ao ser humano que domine toda a terra. Apesar de reconhecer a intervenção do ser humano na natureza, Francisco relembra a responsabilidade do ser humano em proteger a terra. Esse é um argumento do ponto de vista moral, onde o ser humano é responsável por fazer o “bem” à criação de Deus, pois, foi para isso que Deus o teria criado. Além de apelar para essa ideia moral, ele também individualiza a culpa, conclamando cada ser humano para realizar a sua parte no processo de conservação do planeta.

Já no terceiro capítulo o papa reafirma a raiz humana da crise ecológica. Ele propõe uma cultura ecológica oriunda de um programa educativo, de um estilo de vida ou espiritualidade. Mais uma vez destacando a necessidade de cada indivíduo

encontrar uma maneira de continuar explorando o planeta, porém, com responsabilidade.

Mais adiante ele fala em “ecologia social”, uma proposta para combater a pobreza e ao mesmo tempo cuidar da natureza.

O papa também elogia a criatividade e generosidade das pessoas. Ele destaca pequenas ações de moradores de edifícios, de bairros e cidades que servem sua comunidade produzindo qualidade de vida. Francisco também conclama as pessoas a priorizarem os transportes públicos, diminuindo assim as emissões de gases na atmosfera.

No último capítulo o papa volta a convidar seus fiéis e os outros moradores da terra a desenvolverem um “estilo de vida” contra o consumismo excessivo. Ele afirma ser necessário “escolher o bem”, demonstrando assim que atitudes individuais podem pressionar os poderes políticos, econômicos e sociais para uma mudança de comportamento que cause menos impactos ambientais.

Ele encerra afirmando que a crise ecológica precisa ser vencida com novos hábitos, o que desafia a um novo paradigma educativo. Volta a dizer que é preciso de pequenos começos na vida cotidiana. O papa apela para uma visão do mundo como sendo um grande e gracioso presente de Deus a humanidade.

## **CAPITULO II – A CRÍTICA NIETZSCHE AO IDEAL ASCÉTICO E À METAFÍSICA DE VALORES**

No primeiro capítulo ficou clara a relação entre cristianismo/platonismo com a natureza, assim como a representação desta pela da tradição cristã e ainda com o ideal de exploração e conservação da mesma. Apesar de reconhecer que o ser humano tem a permissão divina para explorar, ele também é conclamado a conservar. Basta analisar o capítulo dois da encíclica papal. O papa como representante principal da Igreja Cristã no mundo afirma esse ideal metafísico para exploração e conservação da natureza, onde o ser humano recebe a “ordem divina” para utilizar a natureza como meio de subsistência. Sem julgar o mérito, o fato é que a ordem vem do transcendente, daquilo que não é tangível. Por outro lado, esse mesmo “ser divino” ordena que o ser humano cuide dessa natureza. Os argumentos para convencimento do mesmo são valores metafísicos como fazer o bem, ser um bom devoto ou filho, assegurar recursos para as próximas gerações e não receber o castigo divino em um suposto capítulo final da existência humana.

Analisando os discursos sobre sustentabilidade, conservação ou preservação, a impressão que se tem é que a conscientização dos perigos e da necessidade de um trato diferente com o meio ambiente parece não seguir na mesma velocidade que a ânsia por progresso e desenvolvimento. Os discursos são “bonitos” e moralmente corretos, mas, na prática trazem uma sensação de utopia ou grande distanciamento.

Apesar de aparentemente opostos na abordagem da resolução dos problemas, os discursos apresentados, tantos os que buscam um caminho mais religioso ou educacional, quanto os que denunciam o sistema, todos seguem uma mesma lógica: A MORAL PLATONICA-CRISTÃ. Isso fica claro quando Abramovay afirma:

Longe de um paroquialismo tradicionalista ou de um movimento alternativo confinado a seitas e grupos eternamente minoritários, a cooperação está na origem das formas mais interessantes e promissoras de criação de prosperidade no mundo contemporâneo. E na raiz dessa cooperação (presente com força crescente no mundo privado, nos negócios públicos e na própria relação entre Estado e

cidadãos) estão vínculos humanos reais, compreensivos, significativos, dotados do poder de comunicar e criar confiança entre as pessoas (ABRAMOVAY, 2012, p. 163).

Acreditar na cooperação universal entre os humanos e no altruísmo nos parece ser a mesma coisa que acreditar que as soluções estão em mundo ideal, em uma realidade para além do ser humano, o que é uma herança de uma concepção moral que tem origem no platonismo e foi massificada pelo cristianismo. Ela influencia a educação, cultura, economia e todo pensamento e ações humanas.

Apesar dessas opiniões assertivas, o intuito não é fazer um julgamento do cristianismo ou apontá-lo como o grande culpado, apenas não se pode negar que ele exerce influência em muitos discursos de salvação ecológica, mesmos nos que enfatizam questões políticas, econômicas ou sociais.

Quando a resposta para a pergunta “por que preservar o meio ambiente?” estiver diretamente ligada a respostas como: Porque é preciso preservá-lo para as próximas gerações, ou porque é isso que cidadãos de bem fazem, ou porque é preciso garantir que haja recursos para todos, certamente está se afirmando a crença na moral cristã como base desses argumentos.

Por que se preocupar com as próximas gerações? Por que ser cidadãos de “bem”? Quem garante que haverá próximas gerações? São apenas perguntas provocativas que mostram respostas e sentimentos, gerados por elas, que confirmam a maneira cristã/platônica de refletir sobre esses assuntos. Pois a ideia de que existe um bem que é universal, que pode ser o bem de todos e que devemos fazê-lo para atingirmos a salvação, seja ela do espírito após a morte ou da vida na terra, é platônico/cristã.

Não parece estar dando muito certo construir bases, ações ou argumentos seguindo a lógica da moral platônica/cristã. Por isso faz-se necessário avançar para uma transvalorização. Optamos aqui por analisar a crítica de Nietzsche ao cristianismo/platonismo para fundamentar porque entendemos que essa lógica é um retrocesso para o pensamento humano.

Por moral platônica entende-se a fundamentação metafísica de valores morais. Existe um bem, que é universal, que para Platão está no mundo das ideias, e que o cristianismo se apropriou e chamou de deus. Deus nos deu os valores



morais, devemos segui-los. Dois problemas são fundamentais com esta visão: o primeiro, seu fundamento é metafísico e, portanto, inquestionável dentro desta lógica. O outro, é que ela coloca a origem e solução dos problemas sociais na consciência dos indivíduos.

Nietzsche aponta para esse equívoco quando diz:

Parece que todas as coisas grandes, para se inscrever no coração da humanidade com suas eternas exigências, tiveram primeiro que vagar pela Terra como figuras monstruosas e apavorantes: uma tal caricatura foi a filosofia dogmática, a doutrina vedanta na Ásia e o platonismo na Europa, por exemplo. Não sejamos ingratos para com eles, embora se deva admitir que o pior, mais persistente e perigoso dos erros até hoje foi um erro de dogmático: a invenção platônica do puro espírito e do bem em si. (NIETZSCHE, 2005, p.8).

E mais diante ele diz:

Mas a luta contra Platão, ou, para dizê-lo de modo mais simples e para o “povo”, a luta contra a pressão cristã-eclesiástica de milênios – pois cristianismo é platonismo para o “povo” – produziu na Europa uma magnífica tensão do espírito, como até então não havia na Terra: com um arco assim teso pode-se agora mirar nos alvos mais distantes. (NIETZSCHE, 2005, p.8).

Definitivamente, de acordo com o pensamento de Nietzsche, cristianismo é uma forma de platonismo. Sendo assim, seguindo essa lógica, a solução para a violência, guerras, meio ambiente é amarmos uns aos outros, amar ao próximo como a si mesmo, etc. Valores universalizados, impossíveis de serem concretizados. Ninguém conseguirá amar a todos os seres humanos do mundo e nem irá. E, dentro da lógica econômica de lucro, se for necessário que alguém perca, isto acontecerá. Este é o problema, não dá para opor moral ao capitalismo.

É justamente essa a crítica de Nietzsche ao platonismo-cristianismo:

É a esse instinto teológico que declaro guerra: encontrei seus vestígios por toda parte. Quem tiver sangue teológico nas veias, já

de início encontra-se distorcido e desonesto frente as coisas. O *phatos* que se desenvolve disso chama-se fé: fechar os olhos de uma vez por todas para não sofrer por causa do aspecto de uma falsidade incurável. Entre nós, faz-se dessa ótica defeituosa em relação às coisas uma moral, uma virtude, uma santidade; liga-se a boa consciência ao falso-enxergar, exige-se que nenhuma outra forma de ótica possua um valor maior, depois que se sacrosantificou a própria ótica atribuindo-se nomes como “Deus”, “salvação”, “eternidade”. Por toda parte desencavei o instinto teológico: é a forma mais divulgada, a forma mais peculiarmente sub-reptícia de falsidade que existe sobre a terra. O que o teólogo sente como verdade deve ser falso: tem-se aí quase um critério de verdade. É o seu instinto mais baixo de conservação que proíbe que qualquer aspecto da realidade seja reconhecido ou até mesmo comentado (NIETZSCHE, 1992, p.32).

Na medida em que boa parte dos discursos que buscam soluções para a questão ambiental se baseiam em uma lógica moral de matriz platônico/cristã, buscaremos, a partir da filosofia de Nietzsche, investigar a crítica que o filósofo faz a esta filosofia moral. Ao investigar a forma de pensar que é influenciada pelo pensamento platônico/cristão, pretendemos entender o que está por trás de boa parte dos discursos que buscam soluções para a crise ambiental atual.

Começaremos, então, com a questão metafísica. A metafísica foi vista por muito tempo como a rainha do saber. A busca transcendente da verdade a priori moveu o homem como a um leão em direção a uma determinada presa. Essa busca o fez estrangeiro em seu corpo e prisioneiro em sua consciência. Foi obrigado a prender todos os seus instintos, amaldiçoando-os como demônios promovedores de uma vida errante. O ser humano se viu e definiu como ser espiritual. Com essas capacidades, a terra nada mais era do que uma passagem de tormenta para uma vida perfeita e singular. O homem foi obrigado a se educar para essa vida nova. Tal vida estaria além de seus desejos e vontades. A verdade era acessível somente para os metafísicos. A razão era dona do corpo.

O conhecimento metafísico, a verdade e a moral precisam receber uma crítica. Queremos observar qual a intensidade desta crítica no pensamento nietzschiano. Nela a verdade é vista a partir de uma análise sobre o valor da verdade. Qual o valor da verdade? Será que é necessário sacrificar-se por ela? E a ciência? É necessário ir tão longe por causa de um critério de verdade? O que aconteceu? Quem colocou a primeira pergunta? Quem se perguntou?

Nietzsche afirma a necessidade de uma análise do valor da moral da verdade.

Para ele, o fato de o homem valorizar a verdade como bem supremo é uma característica moral. Assim, aquilo que for considerado verdadeiro gozará de um poder de se impor aos demais discursos. Contudo, o filósofo entende que a crença na existência de uma única verdade universal, pronta desde sempre para todo mundo, é uma invenção e depende da estrutura metafísica de pensamento. Fugindo desta lógica, Nietzsche se pergunta se a verdade, entendida como ideal metafísico, eleva o homem ou o degenera. Assim, toda forma metafísica recebe um balanço das análises nietzschianas. Nietzsche irá aprofundar sua investigação até o ideal ascético, que decorre do pensamento metafísico.

O que é a crítica da metafísica em Nietzsche? Uma forma assertiva de direcionar uma proposta nova em direção à realidade. A metafísica, enquanto respostas para a existência humana, perdeu muito espaço com as novas propostas interpretativas que a modernidade impôs à realidade. Com essas novas possibilidades o homem aprendeu a andar. Ele não engatinha mais.

Muito menos precisa se apoiar em algo para se levantar. No entanto, mesmo tendo esse vigor ao chegar a velhice precisará de bengala para movimentar-se. Então, mesmo pensando que se libertou de um princípio supremo, continuará desejando algo. Esse algo é o nada. Ele continuará preso a um ideal.

Já no prólogo de seu livro, “Genealogia da moral”, Nietzsche mostra o desconhecimento do homem por parte do próprio homem: “nós homens do conhecimento, não nos conhecemos” (NIETZSCHE, 1998). Aqui podemos prever o que ele pretende ao colocar essa questão. O homem se esquece do que ele é. Esquece da terra, do seu corpo, dos sentidos, da aparência. Vive em devaneios, postado com os olhos voltados para o céu.

Talvez seja por essa razão que o ser humano continue indiscriminadamente causando efeitos desastrosos a natureza. Apesar de todos os discursos e campanhas, a terra já foi declarada condenada por alguns cientistas, como o já citado Lovelock. Talvez por causa desse “olhar” metafísico e por concentrar suas preocupações no porvir, é que o ser humano não se dê conta da realidade.

Neste capítulo, apresentaremos o conceito de verdade em Platão e a divisão, a partir dele, do mundo em dois, cuja relação se dá pela contradição do conhecido e bom e do não conhecido e ruim. Veremos também a procura da verdade como decadência, na medida em que é decorrente desta tradição, nada mais é do que a manifestação de ideais metafísicos contra os sentidos. Nietzsche afirma, em

contraposição a essa ideia, o valor da vida e a autoria dos instintos como agentes do saber. Mesmo a ciência, que se pretende revolucionária, é influenciada pelo ideal ascético, da procura transcendente da verdade. Por fim, veremos um pouco sobre a ideia de verdade e interpretação em Nietzsche. Esta, como será mostrado, tem um valor perspectivo do saber. Sendo que Nietzsche atribui à sua forma de saber uma forma interpretativa, culminado no caráter culturalmente construído da verdade.

Essas questões são fundamentais, pois, se os discursos seguem a lógica platônica/cristã, e seus fundamentos são criticados por Nietzsche, apesar de não ser o objetivo desse trabalho, talvez, uma solução para a questão ambiental esteja na desconstrução da ideia de verdade na qual se apoiam os discursos sobre conversação, preservação ou sustentabilidade.

## 2.1 A VERDADE E A METAFÍSICA PLATÔNICA

Diante das análises filosóficas pelas quais o homem de conhecimento se coloca, tendo em vista a certeza epistemológica, podemos destacar a procura da verdade como a mais significativa. Platão compreendia a verdade como procura científica-racional e realização filosófica. A verdade aparece como escolha possível e principal na investigação, porque ela tem uma conotação positiva para a realização humana. Assim, ela é uma forma científica positiva, no sentido científico da promoção do conhecimento, pois eleva o homem ao ser da coisa, isto é, abre as portas do ser para o homem. A procura da verdade é vista como a afirmadora do ser, como direcionadora para o uno.

O problema da verdade como critério de abertura ao ser mesmo da coisa vem desde Platão. Em seus diálogos, ele nos indica a preocupação acerca da certeza sobre terminada afirmação, que assumia plena realidade na hora do pronunciamento. A doxa, ou opinião, era um mal se vista a partir do âmbito da certeza absoluta. As coisas pertencentes ao mundo sensível não poderiam ser vistas como verdade ou percebidas assim. O mundo das coisas percebidas pelos sentidos não aparece como verdade, como real. A verdade está em um plano inteligível. Por isso, diante das discussões, Sócrates procurava a verdade nas ideias e não se contentava caso tivesse alguma dúvida. Seu dever estava na sua disposição em levar a certeza aos seus interlocutores.

A impressão que se tem é que esse ideal alimenta até hoje, ainda que

inconscientemente, os desejos e esforços da humanidade em busca de um “mundo melhor”, influenciando também a busca pela preservação do meio ambiente. Assim como em Platão há um mundo ideal, uma ideia de justiça e de bem, parece que existe uma “natureza ideal” no discurso ambiental, uma natureza onde tudo estará perfeitamente equilibrado. É muito nítido que esse ideal está intrinsecamente ligado a uma concepção de natureza pura, equilibrada, que é o ideal conservacionista; desejo endêmico de ver a Terra retornar para o status quo que Deus a criou, em oposição ao mundo dos homens, que a destrói.

Platão compreendia a realidade como dois mundos diferentes: o mundo das ideias ou inteligível e o mundo sensível ou contingente. O segundo mundo, o sensível, não deveria ter credibilidade ou ser aceito como existente e real, pois é afetado pelo devir. As coisas do mundo mudam a todo instante, não havendo como ter certeza sobre algo que não tem identidade. O princípio de identidade caracteriza a filosofia de Platão, já que é influenciado por Parmênides, cuja filosofia baseava-se na busca pelo ser, por aquilo que é, ou seja, no ser que é sempre igual a si mesmo. Todas as coisas percebidas pelos sentidos não tinham forma e clareza, apresentavam-se sem sentido e sem possibilidade de elevação ao Bem. As coisas mudavam a todo instante e por isso, nada mais eram do que simulacro de um mundo perfeito. Ora o que era quente se tornava frio e vice-versa. Tudo isso não traz para o investigador a certeza necessária e possível a uma verdade, então não merecia a devida credibilidade.

Essa concepção fica ainda mais clara no cristianismo, quando a nova realidade apresentada por Deus no livro do apocalipse vem descida do céu. Uma nova cidade, chamada de nova Jerusalém, que tomará o lugar da Jerusalém corrompida que ali está. E no meio dessa nova cidade estará a Árvore da Vida, numa demonstração clara que o ideal do Jardim Éden estará restaurado.

Já o primeiro mundo, das ideias, principia toda filosofia platônica e, por isso, deve ser almejado por aquele que ama a sabedoria, isto é, o filósofo. Esse mundo das ideias perfeitas não pode ser alcançado pelo homem, imóvel na ignorância, pois, ao deixar-se conduzir pelos sentidos, não consegue enxergar a verdade. Somente o homem investigador da verdade chegará às "Ideias eternas". É no mundo das ideias, alcançado pela contemplação, que o filósofo chegará ao Bem, ao Belo, à verdade. Ali encontrará as formas perfeitas e incorruptíveis. Ao contrário, tudo o que é percebido no cotidiano são representações, ou seja, cópias do mundo perfeito.

Assim, Platão escreve no livro “República” sobre a prisão de homens em uma caverna, simbolizando o mundo sensível:

[...] Imagine homens numa morada subterrânea, em forma de caverna, com uma entrada aberta à luz; esses homens estão aí desde a infância, de pernas e pescoço acorrentados, de modo que não podem mexer-se nem ver senão o que estão diante deles, pois as correntes os impedem de voltar a cabeça; a luz chega-lhes de uma fogueira acesa numa colina que se ergue por detrás deles; entre o fogo e os prisioneiros passa uma estrada ascendente. Imagina que ao longo dessa estrada está construído um pequeno muro, semelhantes às divisórias que os apresentadores de títeres armam diante de si e por cima das quais exibem as suas maravilhas! (PLATÃO, 1999, Livro VII, p. 225).

Esse pensamento sobre a alegoria da caverna, tematiza a ideia de prisão como sendo uma forma de viver na escuridão, ou seja, na completa ignorância. A certeza de algo relacionado ao conhecimento, nessa prisão, vem somente dos simulacros deixados pela ação de uma fogueira sobre os passantes. Assim, Platão, através de Sócrates, quer indicar como é a vida daquele que vive na ignorância suprema. Este não consegue perceber que aquilo que vê como critério de verdade não passa de sombras as quais ofuscam seus olhos. Por assim dizer, está amarrado pelas correntes da opinião. Não consegue soltar-se dessas correntes pelo fato de não haver possibilidade que possa deixá-lo chegar ao que é perfeito.

Esse tipo de concepção também fica muito clara nos discursos apelativos para a conservação do meio ambiente. Os apelos morais, principalmente dos religiosos, soa como uma necessidade de desprendimento de “correntes” de uma ignorância cega sobre as questões ambientais. Parece que existe um esforço para trazer o ser humano para fora de sua caverna de ganância e exploração.

Como vimos, a imagem que representa o contraste desses dois mundos é o mito da caverna. Nele Platão narra a história de um grupo de homens presos em uma caverna tendo como verdade somente as sombras projetadas por um fogo artificial. Ao escapar dessa prisão, um homem conhece as verdadeiras formas, nas quais tudo é claro e verdade é acessível.

Agora, meu caro Glauco, é preciso aplicar, ponto por ponto, esta imagem ao que dissemos atrás e comparar o mundo que nos cerca com a vida da prisão na caverna, e a luz do fogo que a ilumina com a força do Sol. Quanto à subida à região superior e à contemplação dos seus objetos, se a considerares como a ascensão da alma para

a mansão inteligível, não te enganarás quanto à minha ideia, visto que também tu desejas conhecê-la. Só Deus sabe se ela é verdadeira. Quanto a mim, minha opinião é esta: no mundo inteligível, a ideia do bem é a última a ser apreendida, e com dificuldade, mas não se pode apreendê-la sem concluir que ela é a causa de tudo o que de reto e belo existe em todas as coisas; no mundo visível, ela engendrou a luz e o soberano da luz; no mundo inteligível, é ela que é soberana e dispensa a verdade e a inteligência; e é preciso vê-la para se comportar com sabedoria na vida particular e na vida pública (PLATÃO, 1999, Livro VII, p. 228).

A presença da alegoria vem justificar a filosofia de Platão. O homem que se liberta das correntes e das sombras indica a passagem daquele que deseja um conhecimento verdadeiro das coisas e que não contenta somente com os simulacros.

A ciência que leva o homem ao percurso de uma reta filosofia até o mundo inteligível e do Bem é a forma de emprego da razão. O método dialético e discursivo coloca o ser humano diante das ideias perfeitas. Pela racionalidade científica, o filósofo chega à verdade, porém, aquele que usa a arte da enganação não pode ser aceito no meio social. Sócrates não vivia bem com os sofistas. Para ele, estes usavam do seu método retórico para enganar. A arte da enganação era abominável.

Para Platão, a alma contemplava as formas perfeitas no mundo das ideias e a partir da reminiscência recordava o conhecimento dos universais. Mas por que a alma tem esse papel ativo no processo do conhecimento? Porque a alma é a parte divina do homem, só ela possui características que podem conduzi-lo a ter acesso a conceitos tais como: inteligibilidade, imutabilidade, imortalidade etc., em última instância, à verdade; enquanto o corpo possui as características contrárias às citadas.

Mais uma vez a correspondência no cristianismo fica muito clara. Os apelos para a feitura do bem com base no discurso de “almas caridosas” são sem reservas até hoje. As campanhas para adoção de animais são quase todas feitas nesse viés. Cuidar com caridade de parte da criação de Deus que está sofrendo sem os cuidados necessários.

Sócrates, ao dialogar contra aqueles que o contrapõe, procura conduzi-los ao nível da verdade, ou seja, das ideias, daquilo que é perfeito. Assim acontece na República, no Banquete, no Mênon, e entre outras obras. Ele deseja mostrar que a verdade não está presente nesse mundo, mas no mundo das ideias Ela deve ser buscada no mundo inteligível, onde nada perece, o lugar onde o Ser é. Sem essa

adesão ao ser mesmo, não há uma certeza, ou seja, o homem se coloca fora do que é e falará somente sobre opiniões, sombras e cópias.

A verdade vem ao encontro do investigador pela racionalidade. É por isso que os interlocutores de Sócrates chegam à verdade a partir da dialética, ou seja, da discussão racional dos termos precedentes. O método o qual Sócrates introduz na filosofia é novo e produz nos atenienses uma admiração. Esse método visa tornar a verdade uma ciência esculpida pela análise dialética, tendo em vista o ser que o filósofo contempla diante da reminiscência. A partir desse método, o homem chega ao que é universal.

Os fóruns mundiais, conferências e palestras, oferecidas pela ONU ou qualquer outro órgão ambiental ainda acreditam nessa dialética. Esforços são empreendidos nos palanques ou tribunas para que o convencimento do cuidado para com o planeta, no presente e no futuro, através de longas e exaustivas discussões, seja efetivado. Todos os grandes líderes mundiais se utilizam dos discursos para tentar convencer e atingir os seus objetivos, inclusive nas questões ambientais. É claro que o uso dos discursos é melhor do que o recurso à violência, contudo, a experiência tem demonstrado que tanto os consensos são praticamente impossíveis (o que talvez aponte para a inexistência da verdade), quanto que as ações de fato levadas a cabo pelos governos estão muito mais próximas do belicismo do que da beleza dos discursos de ética e paz. Como exemplo, temos a Guerra do Golfo e a invasão norte-americana ao Iraque. Guerras deflagradas em nome da paz, mas pelo objetivo real do petróleo, este sendo um dos maiores responsáveis pela poluição mundial.

O sentido que a procura da verdade tem no mundo platônico, onde o encontro com as ideias perfeitas e com o verdadeiro sentido dos conceitos, acarretado pela análise dialética, produz, para aquele que realiza a análise, uma atitude receptiva diante da manifestação da verdade formal. O que tem sentido é a ideia do bem e não ideias relacionadas a um tema, isto é, opiniões que, às vezes, não têm relação alguma com aquilo a que se atribui uma determinada qualidade.

A teoria das ideias proporciona um valor em sentido existencial para outro mundo. Para Platão, o mundo das ideias perfeitas tinha existência em si e não necessitava de algum exemplo do mundo sensível para se afirmar. O que existe sempre é o mundo das ideias, onde o Bem governa. O mundo sensível, por sua vez, é uma cópia mal formada das ideias perfeitas, por isso que ele propõe uma saída,



em sentido valorativo, das coisas sensíveis. Propõe o abandono das ações mundanas, ou seja, pertencente ao corpo e ao desejo. O mundo que os olhos da carne veem não tem credibilidade para tomar o homem completo. Os governantes brigam por coisas sem valor, pois querem mais poder. Tudo isso é simulacro de um mundo inteligível, onde as ideias são perfeitas e mais agradáveis, pois a verdade, para ele, proporciona a sensação de estar em um paraíso. Somente aqueles que têm uma vida voltada para a temperança conhecem esse mundo e suas formas.

O que percebemos diante desses parâmetros sobre a verdade, para Platão, é que esta conduz o homem ao mundo inteligível. Toda forma sensível e a maneira como o ser humano se comporta em meio ao mundo do devir não passam de opiniões, de ignorância diante da maravilha das ideias perfeitas e universais. Sócrates perde a vida tendo em vista a perfeição do sábio que não valoriza o prazer, muito menos o corpo. Ele via na racionalidade a forma perfeita de fazer ciência, ciência no sentido de conhecer verdadeiramente. Aqui vemos o contraste do mundo inteligível e o sensível. O sábio deve sair de sua caverna, libertar-se das correntes que o prendem e escalar as montanhas íngremes para contemplar a perfeição, o Bem, o Belo, a verdade e voltar para comunicar àqueles que estão presos na ignorância.

Isso se assemelha muito a organizações não governamentais como Green Peace que levam ao extremo esse desejo de “abrir” os olhos das pessoas para uma realidade que é posta como verdade para eles.

Entendo que os discursos ambientais, quando apelam para uma conduta ética ou moral dos seres humanos, se assemelham à lógica platônica e cristã, pois propõem a conduta como meio de se atingir o bem. Mais do que isso, como vemos, este bem é universal. No caso dos discursos sobre meio ambiente, o valor universal é a preservação. Contudo, a universalização de um valor só é possível apelando-se para a metafísica como estrutura que organiza toda a argumentação. Por isso, defendo que enfrentar a questão ambiental com o discurso moral, apesar de ser importante em microescala, significa ficar preso à lógica platônico-cristã que, segundo Nietzsche, produz ilusões morais de bem estar.

## 2.2 A PROCURA DA VERDADE COMO NEGAÇÃO DA VIDA

No século XIX, um filósofo alemão se colocará em contraposição ao pensamento metafísico da verdade. Ele olhará toda procura da verdade como uma vontade de nada. Veremos, nesta parte, o que é proposto para o problema suscitado pela busca da verdade, no entender de Nietzsche.

O filósofo entende que a verdade se manifestou para os filósofos como "vontade de verdade". Eles se ocuparam somente com a verdade e a partir dela visaram uma transformação da efetividade<sup>1</sup> tendo como critério a ideia de universalidade e inteligibilidade. Contudo, a verdade trazia um mundo de formas que se contrapunham ao mundo material, de mudanças, de afastamentos. Entendida nesses termos, a verdade pode ser uma forma de negação ou decadência para a vida, pois assim valoriza-se outro mundo como aceitável e verídico em detrimento deste no qual vivemos.

Não há sentido em inventar fábulas acerca de um “outro” mundo, a menos que um instinto de difamação, de menosprezo e de desconfiança da vida tenha se apoderado de nós: neste caso, estamos nos vingando da vida com uma fantasmagórica de uma “outra” vida, de uma vida melhor (NIETZSCHE, 2009, p. 44).

Talvez esteja aqui também tanta ineficiência ou o alcance de tão poucos resultados para a resolução das questões ambientais. Talvez esta negação da vida ou decadência tenha afastado o ser humano de entender ou abordar de maneira assertiva as questões ambientais. Tende-se, pois, a combater a insustentabilidade dos padrões de produção e consumo da sociedade capitalista, padrões estes que se mantêm a partir da desigualdade econômica, social e política entre as pessoas, a partir da educação do homem comum para que tenha um comportamento ético e colaborativo em relação ao meio ambiente. Repetimos que a crença em que o comportamento ético do cidadão irá resolver os problemas de ordem econômica, política, e no caso ambiental, da sociedade, possibilitando chegar em uma sociedade sustentável é uma narrativa platônica/cristã e que, acreditamos, não surtirá o efeito desejado, como não tem surtido. A consequência deste discurso tem sido apenas a culpabilização do cidadão comum e o desfoque da problemática

---

<sup>1</sup> Usaremos o termo efetividade e não realidade, uma vez que as traduções utilizadas assim o fazem.

ambiental da economia política para a educação e ética. Neste sentido, o termo sustentabilidade nos soa como o Bem de Platão, algo inalcançável no mundo sensível, uma utopia.

Não só é percebida a valoração negativa em relação ao mundo em Platão, pois a verdade metafísica impera como rainha, mas também, e de forma semelhante, na modernidade. A ciência manifesta tal vontade. A procura de saber, proclamada por Aristóteles como caráter propriamente humano que diz que todo homem tem por natureza a vontade de conhecer, perpassa a história humana até os nossos dias. No entanto, essa procura do conhecimento, explicitando a vontade de verdade a qualquer custo, torna o homem fechado em seu mundo de conceitos e formas imaginárias, acreditando ter dominado a efetividade em laboratório.

A verdade, ou a "vontade de verdade", cujo papel é direcionar a atenção do investigador, fora muito questionada por Nietzsche. As questões as quais rodeavam a mente dele, nesse sentido, estavam na relação ente os problemas da moral e da metafísica, da moral e da ciência. No livro "Além de Bem e de Mal", Nietzsche introduz a afirmação de que a procura da verdade se faz como reação ao modo de compreender a efetividade. O homem de conhecimento vive em vista desse critério, tendo a verdade como garantia da existência do objeto. Entretanto, quantas mentiras não são proferidas aí? - pergunta Nietzsche. Muitos aceitam o critério de verdade como principal e único, pois, ao chegar à verdade de algo, é possível encontrar sua essência, a causa primeira das coisas. Mas o que pode ser a verdade? O que ela pode acrescentar ao investigador? Parece que oferece para ele o sentimento de orgulho, de vitória e de prazer por estar buscando algo que o afaste da efetividade. Investigador deseja não enganar, e acima de tudo, não se enganar. Como está se encaminhando o problema, a verdade tem uma ligação com a moral. Ela é fundada em um tipo de valor, ou seja, a nossa ciência tem como farol um ideal, o ascético. A ciência tem na "verdade" seu objetivo e forma primeira da elaboração do conhecimento. Sente a necessidade de colocar diante de sua visão um sistema que tenha a certeza como linha direcional de aceitação. A certeza tem valor elevado, para uma análise científica. O valor científico aprimora o engajamento da massa no sentido de aceitar o que é proposto. Mas Nietzsche mostra que o conceito de verdade, de aceitabilidade, de estabilidade e de cientificidade do objeto, o qual proporciona a certeza imediata na investigação, está intrinsecamente emaranhado na teia da metafísica platônica: na ideia do Bem, do Bom e da verdade, por assim

dizer, e mais precisamente na ideia cristã moderna de Deus. Ou seja, num valor moral que coloca a verdade como bem e o erro como mal. A ciência é, no fundo, apenas uma forma de validação social de um discurso, para que valha como verdade. Quando acreditamos e valoramos esta forma como sendo a única verdadeira, estamos sendo metafísicos, segundo Nietzsche. O filósofo afirma acerca da verdade a qualquer custo o seguinte:

Sem dúvida nenhuma, o verídico, naquele sentido temerário e último, como o pressupõe a crença na ciência, afirma com isso um outro mundo do qual o da vida, da natureza e da história; e, na medida em que afirma esse 'outro mundo', como? Não precisa, justamente com isso, de... negar seu reverso, este mundo, o nosso mundo? No entanto, já se terá compreendido aonde quero chegar, ou seja, que é sempre ainda sobre uma crença metafísica que repousa nossa crença na ciência — que também nós, conhecedores de hoje, nós os sem-Deus e os antimetafísicos, também nosso fogo, nós o tiramos ainda da fogueira que uma crença milenar acendeu, aquela crença cristã, que era também a crença de Platão, de que Deus é a verdade, de que a verdade é divina (NIETZSCHE, 2003, p. 184).

A ciência, ao acreditar que detém a verdade, ao acreditar que sua forma de produção de conhecimento é a única válida, pois chegaria à verdade das coisas, encarna o ideal metafísico iniciado por Platão e continuado pelo cristianismo. Daí decorre uma espécie de “direito” de julgamento moral. A verdade concederia este critério. Em todos os discursos analisados para a preservação, conservação e sustentabilidade essa lógica foi percebida. Há uma necessidade de caracterizar aqueles que agem para proteger o planeta como bons e aqueles que não se preocupam, de acordo com a “verdade” da preservação do planeta, como os maus. Não importa se a culpa seja de indivíduos, nações ou corporações, as discussões sempre trilham esse caminho.

É percebido aqui, nesta passagem, de fato, a avaliação nietzschiana dos valores. Precisamente o valor atribuído à verdade. A verdade não é mais um modelo, mas uma forma decadente, pois, ao aceitá-la como única, o sábio coloca diante de si dois mundos: aceitando o mundo dos conceitos universais, isto é, da dialética, necessariamente, negará o mundo da vida. Aqui vem a exposição que coloca Sócrates como o deturpador da juventude, pois, segundo Nietzsche, Platão é o pensamento vivo de um cansaço do mundo. Do cansaço daquele que não suporta os sentidos e as transformações efetivas. Ele cria, com o mundo das ideias, outro

mundo, conceitual e formal, e o contrapõe ao mundo efetivo do devir. Hoje, como Nietzsche mostra, na ciência, ocorre essa maneira de entender a efetividade: como aparência, engano, erro, opinião, mesmo que o pensamento científico utilize das mãos e dos olhos como prova. Por isso, deve-se abandonar a inverdade em vista de uma essência, de uma ideia universal. O ideal ascético é manifestado aqui de forma intrínseca. Por isso o filósofo de Sils-Maria dirá:

A verdade é precisamente o oposto do que se afirma: a ciência hoje não tem absolutamente nenhuma fé em si, e tampouco um ideal acima de si e onde é ainda paixão, amor, ardor, sofrer, não é o oposto desse ideal ascético, mas antes a sua forma mais recente e mais nobre. (NIETZSCHE, 1998, p. 127).

Desde Platão, houve uma nova forma de perceber a efetividade e o modo de conhecê-la, que para Nietzsche é decadente. Se nessa perspectiva nietzschiana todo arcabouço teórico de Platão é falacioso, logo, todos os discursos que se ancoram nesse também são ineficazes. Aqui encontramos um grande problema, pois, os discursos éticos para conservação, preservação e sustentabilidade são claramente platônicos.

A base dessa nova maneira de estar na efetividade era realizada tendo o critério de dois mundos. Platão foi o filósofo do cansaço, cansaço do mundo e dos sentidos. Sua ação ou reação se deu em criar um método com o qual separou o mundo em duas formas distintas: a inteligibilidade e a contingência. Dito de outra forma, a eternidade e o perecimento, isto é, o mundo das ideias, do qual o cristianismo se apropriará e conceituará como o mundo eterno, e o mundo das aparências, o qual os cristãos chamarão de o mundo do sofrimento e do pecado, um mundo que passa. Nietzsche acrescentará que, com isso, o mundo real se torna ideal e o ideal real. Desde este instante, a consciência terá supremacia sobre as formas sensíveis, e tudo que diz respeito às ideias será mais aceitável em nível geral do que o que se relaciona diretamente com os sentidos subjetivamente. A verdade será associada com o Bem e o Belo.

Nietzsche coloca a condição amoral como início da situação humana na efetividade. Assim como a natureza é amoral. Desta forma, mesmo que os impulsos humanos sejam jogados na classe de impureza, de simulacro e opinião, para

Nietzsche são os precursores da positividade, uma vez que são a condição animal e, portanto, natural do homem. Para Nietzsche, os instintos e paixões estão mais próximos do real do que a razão.

Supondo que nada seja 'dado' como real, exceto nosso mundo de desejos e paixões, e que não possamos descer ou subir a nenhuma outra 'realidade', exceto à realidade de nossos impulsos – pois pensar é apenas a relação desses impulsos entre si -: não é lícito fazer a tentativa e colocar a questão de se isso que é dado não bastaria para compreender, a partir do que lhe é igual, também o chamado mundo mecânico (ou "material")? (NIETZSCHE, 2005, p. 42).

Ora, como mostra Nietzsche, os instintos são os verdadeiros responsáveis pelas fundamentações do conhecimento. Ele diz: "em sua maior parte, o pensamento consciente de um filósofo é secretamente guiado e colocado em certas trilhas pelos seus instintos" (NIETZSCHE, 2005, p.11).

Roberto Machado diz que: "a vontade de verdade é a crença, que funda a ciência, de que nada é mais necessário do que o verdadeiro". (MACHADO, 1997). A referência da verdade, como único caminho e índice de certeza, é o ponto que Nietzsche tenta combater, pois, como foi mostrado acima, a verdade tem uma via que parte do ideal metafísico platônico, e está na base, também, do ascetismo e do niilismo. A necessidade da verdade, como forma de fazer ciência, contrapõe-se à vida enquanto forma propriamente humana.

Talvez essa abordagem de um único caminho para as questões ambientais também seja a causa de sua ineficiência. Talvez se faça necessário buscar outras formas de pensar e dialogar a questão. Talvez seja necessário romper com esse ideal metafísico platônico e buscar entender a problemática ambiental por uma nova perspectiva. Ou talvez já tenhamos o entendimento das causas do problema, mas não temos a coragem de dizer que a humanidade não terá forças para reverter o quadro, uma vez que as forças políticas não aceitarão mudar as correlações de força. Em uma perspectiva niilista, a humanidade pode tender a seu ocaso. Enxergar um tema a partir de várias perspectivas é uma forma de ampliar as questões fugindo do escopo de uma verdade universal. Em relação ao meio ambiente, é preciso ir além de soluções educacionais e morais para o problema.

Por isso, a dúvida deve prevalecer diante dos encontros do homem com suas questões, relacionadas com a vida, meio ambiente e com sua maneira de abordar o efetivo. Diante da possibilidade de uma nova forma de entender as coisas, o indivíduo olhará com profundidade e demoradamente, tendo certeza que conseguirá enxergar o real de maneira perspectivista. Assim:

Para os poucos, pelo menos, cujos olhos, cuja suspeita nos olhos é forte e refinada o bastante para esse espetáculo, parece justamente que algum sol se pôs, que alguma velha, profunda confiança virou dúvida: para ele, nosso velho mundo há de aparecer dia a dia mais poente, mais desconfiado, mais alheio, mais velho. (NIETZSCHE, 2003, p.211).

Nessa abordagem sobre a verdade, percebemos o desencontro do homem e sua maneira própria de entender a efetividade e a maneira da ciência e seus representantes conduzirem o saber em torno da efetividade. A partir de um novo modo de olhar o saber, o homem do desconhecimento terá mais possibilidade de encontrar sua satisfação em relação ao fato de se livrar do julgo moral. Como diz Nietzsche, "o horizonte nos aparece livre outra vez, [...] está outra vez aberto, talvez nunca dantes houve tanto mar aberto" (NIETZSCHE, 2003, p. 212). A partir daí, percebemos a crítica nietzschiana ao saber somente da verdade e sua decadência, por estar exclusivamente ligada à metafísica e a tomada do universal e eterno como único caminho possível ao homem no campo do saber.

O centro da crítica de Nietzsche à vontade de verdade está no fato de que o modelo continua sendo o metafísico. Quando dizemos que a ciência descobre a verdade das coisas e da natureza estamos pressupondo um mundo em si e estamos dizendo que existe uma única forma de acessá-lo, a ciência. Mas a ciência não está desprovida de valores, ela também é produzida socialmente. Ao acreditar que ela, e somente ela, é capaz de chegar à verdade, a ciência repete o movimento platônico de acreditar que existe algo em si e que é possível apreendê-lo. Ou seja, não escapa à metafísica. Além de excluir outras formas de conhecimento.

## 2.3 A GENEALOGIA E A DIMENSÃO HUMANA DOS VALORES

Aqui adentraremos no campo da genealogia da moral como avaliação genealógica dos valores que acompanharam a história do ocidente. Ainda dentro da proposta de uma crítica à metafísica, iniciaremos refletindo sobre as avaliações valorativas que serão observadas como avaliações humanas. Veremos que a dimensão dos valores não ultrapassa as relações humanas, ou seja, não são extra-humanas. Ela está intrinsecamente ligada à situação do homem em um determinado momento histórico. Observaremos a dimensão do bom/ruim como valores dos fortes; o bom/mau como dimensão dos fracos em oposição aos fortes, e por fim, a dimensão além de bem/mal que tem a vida como referência e afirmação.

O que nos vem em mente diante das situações conflituosas da vida? O que podemos perceber sobre as valorações da moral? Qual o valor dos valores? O que nos garante a universalidade de um conceito moral? Será que, de fato, ele nos é dado como universal? Visamos defender o caráter valorativo e interpretativo da moral, pois entendemos que essa moral surge a partir de uma avaliação humana, demasiada humana. É uma manifestação da vontade de potência, na qual vontade se relaciona com vontade. Relação que ocorre como um processo de dominar e obedecer. Sendo que a manifestação se dá visando a vida como prioridade.

Parece que ainda falta muito para que o homem se compreenda. Ele vive imerso em um ideal ascético e não define o que seja a vida. Tudo o que pretende é definir sua relação com o mundo e com a existência. Por isso questiona qual o sentido do seu sofrer e de sua angústia. No entanto, sua compreensão e definição sobre a vida passam pela relação imagética da própria ignorância, isto é, percebe somente o que o ideal ascético tem pra oferecer. A avaliação metafísica sempre esteve ao alcance dos olhos dos filósofos. Suas respostas não passavam de afirmações cuja direção conduzia para o além do mundo, dos sentidos e dos afetos. Não tentaram a proposta de ir além dos valores de verdade, de bom e mau, que se apresentavam como transcendente, e do Belo. Neste sentido, o ideal ascético mostra-se como a forma que a cultura ocidental respondeu à questão pelo sentido da vida. Diante do inexplicável, diante de toda a dor e dificuldade que a vida traz intrinsecamente, o ocidente respondeu inventando mundos e valores irrealis, colocou



a resposta fora da vida. Para Nietzsche, precisamos criar o sentido da vida na terra, para a terra.

Isso fica explícito nas abordagens sobre o meio ambiente. Todas as respostas às perguntas, como por exemplo, por que preservar o meio ambiente? Pra quem deixaremos um mundo melhor? Quem tem o dever de cuidar do mundo? Etc. são respostas que ultrapassam esse mundo, se perspectivam e projetam sobre o ideal metafísico de valores, na medida em que apelam para uma mudança de atitudes morais. Contudo, entendemos que não há como pensarmos a crise ambiental sem levar em conta o sistema que a produz. Neste sentido, seria o caso de se pensar como “convencer” as grandes empresas a não produzirem petróleo e sim energia limpa, como convencê-las a pensarem no meio ambiente antes de seu lucro. Isso nos parece impossível.

Na “Genealogia da moral”, Nietzsche introduz o que pretende ao escrever essa obra. Ela desde o início é classificada como um escrito polêmico, justamente por se tratar de um assunto tão protegido: do valor de bem e de mal. Sua proposta é encontrar a origem de tais juízos. Ele afirma que essas questões o seguem desde seu livro, “Humano, demasiado humano”. Mas a questão mesma tem origem desde os seus treze anos. Vejamos o que o filósofo nos diz:

De fato, já quando era um garoto de treze anos me perseguia o problema da origem do bem e do mal: a ele dediquei, numa idade em que se tem 'o coração dividido entre brinquedos e Deus', minha primeira brincadeira literária, meu primeiro exercício filosófico quanto a 'solução' que encontrei então, bem, rendi homenagem a Deus, e como é justo, fazendo-o pai do mal (NIETZSCHE, 1998, p. 9).

A preocupação com a moral é a principal problemática de Nietzsche. Por isso, ele pretende uma avaliação dos valores de bem e mal. Visa investigar a origem desses valores, as condições para que eles se desenvolvessem e os critérios para serem como são. Eles são primordiais no que diz respeito às ações humanas, mas não se detêm nesse campo. É aos valores que se deve avaliar. Deve-se perguntar qual o significado e o sentido manifestado por eles e não por sua veracidade. Nietzsche afirma uma nova crítica e convida a todos para essa proposta: "Enunciemo-la, esta nova exigência: necessitamos de uma crítica dos valores

morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão" (NIETZSCHE, 1998, p.12).

Com a atual forma em que a sociedade se encontra, Nietzsche vê o homem como o ser do desconhecimento, ao acreditar em bem e mal em si e universais. Na mesma perspectiva, em "Além de Bem e Mal", ele faz uma alusão à verdade ser semelhante a uma mulher e à incapacidade de o homem conhecê-la totalmente. O ser humano não se conhece. Ele gravita sobre ideais que não pertencem ao seu modo de ser. Não consegue adentrar em seu interior e questionar a capacidade inerente a si. Ele esteve preso pelas correntes da moral. O valor de uma determinada expressão exerceu sobre ele um fascínio grandioso. Segundo Nietzsche, o fascínio exercido pelas expressões bem e mal segue a humanidade desde sua ordinária vida pré-histórica. Contudo, a natureza não é boa nem má, a vida humana, sendo parte da natureza, não deve ser julgada como moralmente ruim.

Se o ser humano não se conhece, como ele poderá pensar em ações para as questões ambientais? Obviamente suas elucubrações serão desastrosas e incompletas. Não dá para continuar pensando em um mundo ideal futuro, em uma realidade construída através da educação ou religião que se materializará em anos vindouros.

O que Nietzsche faz, acima de tudo, é colocar o homem na terra. Coloca-o sobre seus próprios despojos e faz com que se sinta dono dos seus conceitos. De agora em diante, o ser humano deve sentir-se como vivente. Deve se conhecer. De fato, o homem viveu a partir de ideias e de formas abstratas que direcionavam sua vida. Não compreendia como, na verdade, ele é. O filósofo de Sils-Maria pretende acordar o homem. Chegará o momento em que as doze badaladas do relógio ao meio-dia o acordarão e ele verá que não sabe o que viveu. Enxergará que tudo não passou de interpretação de uma vontade subjetiva. Enxergará, pois, que não há mais sombras e o véu foi rasgado. Antes disso se faz necessário entendermos mais um pouco dessa decadência humana.

Isso não significa dizer que Nietzsche concebia qualquer ideia de que exista uma coisa verdadeira, um humano verdadeiro, etc. A crítica de Nietzsche à verdade nunca é em nome de uma outra verdade, e sim avaliando o sentido de cada valor e

as forças que nele trabalham. Ele acha que os valores metafísicos nos diminuem, pois nos limitam. Somos maiores que o bem e o mal.

## 2.4 A CRÍTICA AO CRISTIANISMO

Uma vez que verificamos ser o cristianismo aquele que oferece a lógica para os discursos sobre as questões ambientais, mesmo reconhecendo não ser ele o responsável pelo problema ambiental existente, cabe aqui uma crítica direta a ele, pela perspectiva de Nietzsche.

O cristianismo, na perspectiva de Nietzsche, é essencialmente a religião do rebanho, ou seja, é o cristianismo que constrói toda a fundamentação da moral de rebanho ao dar às pessoas um certo conformismo com sua situação, e de prometer a felicidade eterna num mundo suprassensível. Mas o conforto e a felicidade são atribuídos somente aos homens que nesta vida terrena seguirem religiosamente os preceitos do ideal ascético idealizado pelo sacerdote ascético.

A religião amesquinhou o conceito 'homem'; sua extrema conclusão é que tudo quanto é bom, grande, verdadeiro, permanece sobre-humano e só nos é dado pela graça (NIETZSCHE, [entre 1890 e 1909], p.128).

O sentimento de dívida do homem para com Deus e posteriormente a culpa, nasceram justamente desse estado de inferioridade do homem em relação a Deus. Segundo o sacerdote ascético, a sensação de felicidade e bem-estar que o homem porventura experimente, é Deus a causa deste. Por outro lado, a doença, a inferioridade que o homem sente, é ele próprio o responsável, pois deve ser punido pelos pecados que cometeu contra Deus.

Ao contrário desses instintos humanos, o cristianismo sacerdotal não deseja o aumento da vida, mas sim a mais rápida decadência desta, pois este mundo é um mundo do pecado; não deseja o aumento de vida, pois a verdadeira vida encontra-se em um mundo suprassensível – no paraíso. Para Nietzsche, na verdade, os ideais do sacerdote ascético cristão - “mais além”, “vida eterna”, “salvação da alma”,

nada mais são que negar a própria vida e o próprio homem. São tendências inimigas da vida.

Denomina-se o cristianismo a religião da compaixão. - A compaixão está em oposição às emoções tônicas, que elevam a energia do sentimento vital: tem efeito depressivo. Perde-se força, quando se compadece. Com a compaixão aumenta e multiplica-se ainda o desgaste de força, que já em si o padecimento traz à vida. (NIETZSCHE, 1992, p.30).

O cristianismo ascético nega o ideal nobre do aristocrata do espírito, ou seja, a força ativa, a vontade de potência, a beleza, os instintos, a felicidade. O cristianismo é uma religião fundamentada pelo sacerdote, pela interpretação moral sacerdotal. O sacerdote é a expressão do modo escravo de viver e a sua dominação torna os homens igualmente impotentes. O tipo homem que compõe o rebanho cristão é aquele cuja vontade de poder é reativa; o tipo homem do cristianismo é aquele que necessita do ressentimento e da má consciência para sobreviver, pois a força, a liberdade, a altivez não lhe pertencem. O homem cristão é o ressentido, aquele do tipo de moral escrava. “O que é mais danoso que qualquer vício? - Agir piedosamente em relação a todos os fracassados e impotentes – o cristianismo...” (NIETZSCHE, 1992, p.28).

E mais adiante temos: a piedade.

Conserva o que está maduro para sucumbir, arma-se em favor dos deserdados e condenados da vida e, pela multidão de malogrados de toda espécie que mantém firmes na vida, dá a vida mesma um aspecto sombrio e problemático (NIETZSCHE, 1992, p.30).

Segundo Nietzsche, o cristianismo sacerdotal é um movimento que prima fundamentalmente pela degenerescência, composto por homens rebotalhos, por todos os homens decadentes. Esse cristianismo dirige-se a todos os fracos, aos dominados e ressentidos.

O cristianismo tem sua base na *racune* dos doentes e no instinto contra os sadios, contra a saúde. Todo o bem formado, orgulhoso, soberbo, a beleza antes de tudo molesta-lhes o ouvido e os olhos. Recordo outra vez as inapreciáveis palavras de São Paulo: 'Deus

escolhe o que é fraco perante o mundo, o que é insensato perante o mundo, o que é ignóbil e desprezado' (NIETZSCHE, 1992, p.75).

E mais adiante, lemos: "...o sacerdote domina graças a invenção do pecado" (NIETZSCHE, 1992, p.73). O pecado está no simples fato de viver, criando-se uma dívida infinita e impagável, tornando a vida culpada pelo simples fato de existir.

Todo o problema do cristianismo encontra-se no modo como foi construída sua moral; no modo como foi interpretada a Bíblia, as palavras de Jesus. O furor da crítica nietzschiana não dirige-se à figura de Deus em si mesma, pois ele é uma ideia, mas tão somente a quem interpretou Deus e os conceitos morais vitais do cristianismo e como interpretou tais conceitos.

Paulo compreendeu que a mentira – que 'a crença' era necessária; a Igreja, mais tarde, compreendeu, por sua vez Paulo. - Aquele 'Deus' que Paulo inventou para si, um deus 'que envergonha a sabedoria do mundo' (ou, no sentido estrito, as duas grandes adversárias de toda superstição, a filologia e a medicina), é na verdade somente a resoluta decisão de Paulo a chamar de 'Deus' sua própria vontade, torah, isso é arqui-judaico. Paulo quer envenenar 'a sabedoria do mundo'; seus inimigos são os bons filólogos e médicos. (NIETZSCHE, 1992, p.71).

O problema do cristianismo na ótica nietzscheana inicia-se justamente neste ponto: é o sacerdote quem fundamenta esta religião e não o seu fundador. Ou seja, segundo Nietzsche, o cristianismo fundamentado pelos sacerdotes ascéticos durante a sua história é explicitamente diferente do cristianismo idealizado nos seus primórdios. Segundo Nietzsche, a religião cristã fundamentou-se a partir do modelo moral idealizado pelo sacerdote; a partir dos conceitos morais sacerdotais. O sacerdote representa o tipo de homem cuja vontade de poder não se efetiva, ele pertence ao tipo de moral que Nietzsche denomina escrava, isto é, uma moral que nega um valor, vai contra uma ação e só depois constrói seus ideais. Seus valores decorrem de uma negação e não de uma afirmação. A moral proposta pelo sacerdote cristão é uma moral de negação da vida e deste mundo terreno em nome de outro mundo após a vida, por isso é ascético: valoriza uma outra vida como superior a esta que vivemos. Porém, mesmo sendo um defensor da moral de escravo, o sacerdote deseja dominar e o faz através da revolta escrava na moral, que é a negação e inversão do modo nobre de avaliar. Portanto, o modo

escravo/sacerdotal de construir valores é essencialmente ressentido, impotente e o cristianismo é fruto desse modo escravo/sacerdotal de avaliar.

O sacerdote abusa do nome de Deus: chama 'reino de Deus' a um estado de coisas em que é o sacerdote que determina os valores das coisas; chama 'divina vontade' o meio em virtude do qual um tal estado é alcançado ou mantido em pé; com um cinismo glacial mistura os povos, as épocas, os indivíduos segundo os que ajudaram ou interferiram na preponderância do sacerdote. (NIETZSCHE, 1992, p.48).

Disso, Nietzsche conclui que existem dois tipos diferentes de cristianismo: o cristianismo primeiro e originário, e o cristianismo construído durante a história pelos sacerdotes ascéticos que se apossaram da necessidade religiosa que vários seres humanos possuem para exercer a sua dominação através de uma religião cristã totalmente infiel à primeira.

Toda a doutrina cristã do que se deve crer, toda a 'verdade' cristã, é apenas mentira. É exatamente o reverso do que queria, em seus primórdios, o movimento cristão (NIETZSCHE [entre 1890 e 1909], p.102).

E mais adiante Nietzsche diz: “O 'cristianismo' tornou-se algo fundamentalmente diferente do que fez e quis seu fundador” (NIETZSCHE, [entre 1890 e 1909], p.147).

O que procuraremos demonstrar neste momento é que a crítica nietzschiana ao cristianismo restringe-se ao modelo de religião construído pelo sacerdote, ao modelo de moralização cristã historicamente efetivada pelo sacerdote, à sistematização religiosa/moral secularmente desenvolvida. Cito Kaufmann:

A repudição realizada por Nietzsche do cristianismo, não pode ser entendida [...] a menos que distinga-se o Cristianismo contemporâneo do Evangelho original, e Nietzsche vai mais além do que distinguir entre Jesus de Nazaré e o Cristo dos crentes. Discriminar essas concepções torna possível uma clara e sistemática exposição do ponto de vista de Nietzsche sobre este assunto. Esta

posição de Nietzsche está, portanto intimamente relacionada com o resto de seu pensamento, a tal ponto que a sua filosofia não pode ser totalmente entendida à parte desta distinção. (KAUFMANN, 1974, p.337).

O verdadeiro cristianismo já não existe, pois o sacerdote inverteu toda a sua lógica a fim de poder instaurar nos homens o ressentimento, a má consciência e assim poder fundar o rebanho. O único cristão que existiu já morreu, e morreu na cruz; os seus ensinamentos, o seu evangelho também morreu na cruz.

Já a palavra 'cristianismo' é um equívoco -, no fundo existiu somente um cristão e este morreu na cruz. O 'Evangelho' morreu na cruz. Aquilo que desde então chamou-se 'Evangelho' , era já o contrário daquilo que Cristo tinha vivido: uma 'mensagem ruim' , um 'Dysangelium'. (NIETZSCHE, 1992, p. 60-61).

E o que agora creditamos como sendo a palavra de Deus nada mais é que palavras de sacerdote, palavras que carregam em seu bojo a mais cruel luta contra a natureza humana, palavras que somente serviram para diluir os homens num imenso rebanho de doentes e degenerados. A palavra do sacerdote é na verdade uma má mensagem, uma mensagem que visa unicamente a submissão dos homens ao ideal do sacerdote ascético. Aqui fica clara a distinção nietzschiana daquilo que ele chama de “o único cristão” e do cristianismo fundamentado pelo sacerdote. Como vimos, a lógica do escravo é negar e inverter os valores nobres. Essa lógica aplica-se ao cristianismo: negação dos ensinamentos primeiros de Cristo. Daí a afirmação de Nietzsche:

Aqui limito-me a tocar o problema da origem do cristianismo. A primeira tese para sua solução exprime-se assim: o cristianismo pode ser compreendido unicamente tendo presente o terreno sobre o qual desenvolveu-se. (NIETZSCHE, 1992, p.45).

O problema do cristianismo está em seu desenvolvimento histórico, ou seja, o que o sacerdote fez e como usou os conceitos de Cristo. O problema para Nietzsche não é Deus em si, mas tão somente conceitos morais inventados pelos sacerdotes

que foram historicamente incorporados ao cristianismo, tais como “pecado”, “paraíso” etc. Para Nietzsche, o desenvolvimento histórico do cristianismo, cujo responsável foi o sacerdote, efetuou uma descaracterização dos ensinamentos de Cristo. Nos dois mil anos de existência do cristianismo, o sacerdote interpretou de acordo com seus desejos de domínio o cristianismo primitivo. Essa interpretação constituiu-se numa grave distorção das palavras de Cristo.

Depois que a Igreja se deixou arrebatada de toda a prática cristã quando sancionou formalmente a vida dentro do Estado, aquele gênero de vida que Jesus combatia e condenava, foi forçado a colocar noutra parte o sentido do cristianismo: na crença de coisas incrédulas, no cerimonial das preces, das adorações, das festas, etc (NIETZSCHE, [entre 1890 e 1909], p.105).

O cristianismo construído pelos sacerdotes ascéticos modificou a essência dos primórdios do cristianismo, criando conceitos que até então eram inexistentes. O sacerdote, sob o nome de cristão, introduziu na sua doutrina ideias que foram abandonadas e negadas pelo cristianismo primeiro, tais como: a noção de pecado e de perdão, a ideia de punição e de recompensa. Estes novos conceitos foram colocados em primeiro plano pelos sacerdotes, constituindo-se como a essência da religião cristã.

Por isso, Nietzsche chega a afirmar:

Nada é mais anticristão que a grosseria eclesiástica de um Deus pessoal, de um 'reino de Deus', que está por vir, de um 'reino dos céus', transcendente, de um 'filho de Deus', a segunda pessoa da Trindade. Tudo isto é – perdoe-me a expressão – um soco no olho – oh, em que olho! - do Evangelho. (NIETZSCHE, 1992, p.57).

Parece-nos que ideias fundamentais ao cristianismo, tais como: paraíso, pecado, culpa, etc. não foram pronunciados pelo crucificado. Porém, tal afirmação prescinde de um estudo histórico rigoroso. No contexto do pensamento nietzschiano, é importante salientar que a crítica é sobre o modelo conceitual do cristianismo sacerdotal, é sobre ideias e conceitos historicamente construídos que visam a manutenção do poder pelo sacerdote. Em última instância, a crítica ao cristianismo é



uma crítica ao tipo humano doente, ressentido, impotente, ou seja, ao tipo escravo, ao tipo de moral construída por ele e ao modo de vida deste. Ora, se a vida é vontade de poder e a vontade de poder é ativa, potente, livre, no cristianismo temos a efetivação da vontade sacerdotal que é o inverso desta, ou seja, é essencialmente impotente, ressentida, reativa, e é esta vontade que Nietzsche combatera veementemente.

O cristianismo sacerdotal está assentado em dogmas que o primeiro cristianismo negara de forma veemente. Esses dogmas serviram apenas para a dominação do sacerdote ascético, sendo eles: o pecado e o sacrifício expiatório que lava a alma desses pecados; a ideia da ressurreição e de vida após a morte como sendo o significado da existência humana, ou seja, o homem somente vive em função de uma possível vida paradisíaca; a ideia da vida humilde, reprimida e submissa como sendo a única forma do homem conseguir a salvação de sua alma; a ideia de impossibilidade de ser feliz na terra, sendo a felicidade acessível somente aos obedientes e numa vida suprassensível. O cristianismo utilizou-se, então, de conceitos irrealizáveis para a sua fundamentação, conceitos esses inexistentes no cristianismo primordial. É nesse sentido a afirmação de Nietzsche:

Jesus tinha abolido precisamente a noção de 'culpa' – ele negou todo o abismo entre Deus e o homem, como a sua 'boa nova'... E não como privilégio! (NIETZSCHE, 1992, p.63).

O primado da crítica nietzscheana ao cristianismo refere-se ao desenvolvimento histórico deste. Para Nietzsche, existe uma diferença básica entre o que Cristo ensinou e aquilo que os sacerdotes colocaram na boca dele, ou seja, o que o sacerdote afirmou a partir do que Cristo disse. Nesse sentido o cristianismo sacerdotal é uma inversão dos ensinamentos de Jesus:

O pressuposto para isso é que o tipo do redentor foi somente conservado com uma forte deformação. Essa deformação é em si muito verossímil. (NIETZSCHE, 1992, p.53).

E mais adiante Nietzsche afirma:

Em toda psicologia do 'Evangelho' falta a noção de culpa e de castigo; como também a de recompensa. O 'pecado', qualquer

referência a distância entre Deus e o homem fica eliminada – precisamente esta é a 'boa nova'. (NIETZSCHE, 1992, p.56).

No contexto do pensamento nietzscheano está claro que ele poupa críticas a Cristo. Não é ele objeto a ser desconstruído pelo seu martelo. Nietzsche filólogo debruçou-se sobre o movimento de construção moral efetuada pelo sacerdote. O que Nietzsche critica no cristianismo são as interpretações efetuadas pelo sacerdote.

Ao contrário, a história do cristianismo – desde o começo, isto é da morte na cruz - é a história de um mal interpretar, desenvolvimento gradativamente sempre mais grosseiro de um simbolismo originário. (NIETZSCHE, 1992, p.59).

O cristianismo constituiu-se na interpretação efetuada pelo sacerdote: uma interpretação grosseira e falsa dos ensinamentos de Cristo. O cristianismo é uma linguagem construída pelo sacerdote para dominar. Segundo Nietzsche, esse sacerdote responsável pela falsa interpretação possui um nome: foram os discípulos de Jesus os quais deveriam continuar os ensinamentos dele, mais precisamente sob o nome do apóstolo Paulo.

A 'boa notícia' foi seguida rente aos calcanhares pela pior de todas: a de Paulo. Em Paulo toma corpo o tipo oposto ao 'portador da boa notícia', o gênio no ódio, na visão do ódio, na inexorável lógica do ódio. O que esse disangelista não ofereceu em sacrifício ao ódio! Antes de tudo, o redentor: ele o pregou em sua cruz. A vida, o exemplo, o ensinamento, a morte, o sentido e o direito do Evangelho inteiro – nada mais existia, quando esse moedeiro falso por ódio lançou mão somente daquilo que podia aproveitar. (NIETZSCHE, 1992, p. 64).

Para Nietzsche, Paulo, na fundamentação de 'seu' cristianismo, apoiou-se na necessidade dos homens de um deus, sendo que foi a partir disto que ele inventou os dogmas do deus crucificado, da comunhão com deus através do sangue no cálice e do corpo na hóstia, a busca da felicidade individual através da vida submissa aos seus ensinamentos, a ideia do perdão dos pecados através da punição física e psicológica do pecador, a própria ideia de pecado que se caracteriza como sendo o

desvio do caminho certo, porém este caminho foi determinado pelo sacerdote e não por Deus. Para que o sacerdote dominasse, ele precisou adoecer aos sadios, e o fez através dessas invenções que instauraram no coração do homem o ressentimento e a má consciência.

Desde então introduziram gradativamente no tipo do redentor a doutrina do juízo e do retorno, a doutrina da morte como uma morte por sacrifício, a doutrina da ressurreição com a qual escamoteia inteiramente o conceito de 'beatitude' a inteira e única realidade do Evangelho, - em vantagem de um estado depois da morte!...Paulo tornou lógica esta concepção. (NIETZSCHE, 1992, p.63).

Segundo Nietzsche, Paulo foi o responsável pelas alterações do primeiro cristão. Paulo fundamentou, ou melhor, interpretou a partir de sua perspectiva os ensinamentos de Cristo. O problema do cristianismo encontra-se justamente nesta interpretação, pois ela é falsa e errônea. O cristianismo histórico/sacerdotal é um erro, pois está fundado em bases adulteradas dos ensinamentos de Cristo. Paulo constituiu-se no representante da rebelião escrava na moral, pois com ele o cristianismo mudou-se para uma religião ressentida. A crítica nietzscheana ao cristianismo refere-se ao modelo cristão avaliado por este discípulo. Nietzsche faz, então, uma crítica filológica ao cristianismo, pois toma como objeto de análise as interpretações morais construídas com Paulo e a partir dele:

Falsificou a história de Israel mais uma vez, para fazê-la aparecer como a pré-história de seu feito: todos os profetas falaram de seu 'redentor'... A igreja falsificou mais tarde até mesmo a história da humanidade em pré-história do cristianismo... O tipo redentor, o ensinamento, a prática, a morte, o sentido da morte, mesmo o depois da morte – nada ficou intacto, nada ficou sequer semelhante à efetividade. (NIETZSCHE, 1992, p.64).

Na verdade essas invenções sacerdotais tiveram um único objetivo: a necessidade de dominação do sacerdote sobre o povo. O cristianismo é, então, o produto do desejo de dominar do sacerdote e não mais uma religião que visa a felicidade do homem aqui e agora.

Paulo simplesmente deslocou o centro de gravidade daquela inteira existência para trás desta existência - na mentira do Jesus 'ressuscitado'. No fundo, simplesmente não podia aproveitar a vida do redentor - ele necessitava da morte na cruz e de algo mais ainda [...] Sua necessidade era a potência; com Paulo, queria o padre, mais uma vez, chegar à potência – só podia aproveitar conceitos, ensinamentos, símbolos, com os quais se tiranizam massas, se formam rebanhos. (NIETZSCHE, 1992, p.64).

Esse deus inventado pelos sacerdotes ascéticos é um deus que reduz a nada a sabedoria do mundo na medida em que negou toda a tradição da filosofia trágica grega e se opôs ao desenvolvimento científico. É conhecida de todos nós a aversão que o cristianismo sacerdotal sempre gestou pelas descobertas da ciência que sempre constituíram-se como um empecilho e num perigo a dominação do sacerdote.

Para Nietzsche, o Evangelho constituiu-se no livro pelo qual foi transmitida a forma de dominação sacerdotal e possibilitou a perpetuação deste cristianismo. A crítica que Nietzsche tece é em relação ao Novo Testamento.

Seja qual for a modéstia que manifestemos em nossas exigências quanto ao 'anseio' intelectual, não podemos impedir, quando entramos em contato com o Novo Testamento, de experimentar algo, como um mal estar inexplicável – devido a insolência desenfreada que existe, entre os menos qualificados, em querer dizer sua opinião a respeito dos grandes assuntos, sua pretensão em querer assumir o caráter de juízes nas questões que ultrapassam todos os limites (NIETZSCHE, [entre 1890 e 1909], p.144) .

O Novo Testamento é um livro, segundo Nietzsche, de sedução, pois pretende conquistar os indivíduos e a opinião pública através do monopólio da virtude e da promessa de felicidade eterna. O Novo Testamento é o evangelho da espécie de homem totalmente destituída de capacidade para construir um ideal, pois esses sacerdotes não são nobres, não são aristocráticos, não possuem a capacidade de viverem a vida, o corpo, a terra. Não são capazes de enxergar a possibilidade da felicidade humana neste mundo sensível e terreno.

Frente a estas constatações, podemos afirmar que a crítica que Nietzsche realiza sobre o cristianismo é, na verdade, uma crítica a um modelo de cristianismo,

a uma construção humana e, portanto histórica, de uma religião. Sendo uma construção dos sacerdotes, esta forma de cristianismo é extremamente diferente daquele proposto pelo fundador do verdadeiro cristianismo Jesus Cristo, ou seja, é diferente do cristianismo primeiro. Nietzsche faz uma crítica ao cristianismo fundamentado pelo sacerdote ascético, que visa unicamente a subjugação e a domesticação do homem, sendo que:

O cristianismo é ainda possível em cada instante... Não está ligado a nenhum dos dogmas impudentes que se adornaram com seu nome: não tem necessidade nem da doutrina de um Deus pessoal, nem do pecado nem da imoralidade, nem da redenção, nem da fé: pode absolutamente dispensar a metafísica, e ainda mais o ascetismo e também uma 'ciência natural' cristã... O cristianismo é uma 'práxis' e não uma doutrina. Diz-nos como devemos proceder e não o que devemos crer (NIETZSCHE, [entre 1890 e 1909], p136).

## CONCLUSÃO

Diante do exposto, constata-se que os discursos que acreditam na mudança de atitudes das pessoas e na capacidade destas agirem como agentes transformadores da crise ecológica em macroescala se apoiam na moral platonica/cristã para buscar uma solução para a questão ambiental. As soluções apontadas por tal tipo de discursos, independentemente dos caminhos oferecidos, quer sejam pelas ciências sociais, teologia, política, educação etc, são, em geral, caminhos que apontam para uma “moral ambiental”.

Na medida em que muitos discursos em defesa da conservação ambiental e da sustentabilidade se baseiam na crença de que uma mudança moral de atitudes humanas é umas das principais condições para tais objetivos, entendemos que sua lógica interna se assemelha à metafísica platônico-cristã. Neste sentido, nossa sociedade real seria ruim, pecadora, culpada de todos os males ambientais e a solução para os mesmos estaria na educação ambiental e nos indivíduos, capazes de agir moralmente em prol desta natureza preservada. A crença em um ideal de sociedade quase sem impacto ambiental também é tributária da mesma lógica, uma vez que este ideal assemelha-se ao paraíso cristão ou ao mundo das ideias de Platão, como já demonstramos anteriormente.

Não se trata de julgar o mérito desses argumentos, porém, vemos claramente no cristianismo seus correspondentes. Adentrando a análise no próprio cristianismo, encontraremos a ecologia na ideia de que o mundo deve ser preservado, pois foi Deus quem o criou e por isso aqueles que foram criados por Deus tem o dever moral de cuidar daquilo que o criador fez. Isso também é uma garantia de que o indivíduo, sendo bom aqui nesse mundo, reservará sua vaga no mundo vindouro. Um mundo ideal, chamado pelos cristãos de céu. Lá a natureza será restaurada e não haverá mais necessidade de preservá-la. Aqui, ela estará disponível para as próximas gerações, para seus descendentes, para a perpetuação da espécie.

Com o advento do pecado o ser humano se vê como um elo perdido e expulso de um paraíso. Começa então, a saga da devastação da natureza pelo homem decaído que necessita trabalhar para sobreviver. Para resolver essa questão, o ser humano acredita que é necessário passar por essa vida abstendo-se

de tudo aquilo que seja excesso de força. O homem deve se colocar como nulo. Porque a partir daí a verdade se apresentará como pertencente à coisa. A lógica da natureza responderá como são as coisas. Preservar a natureza e retirar o homem da mesma. Essa é a lógica de boa parte dos discursos conservacionistas.

Diante disso, Nietzsche vai fazer sua crítica ao cristianismo/platonismo. Para o filósofo, existe um ideal ascético que se apresentará como fundante de toda metafísica. A cultura ocidental está impregnada por esse ideal, ela ainda não conseguiu escapar da grande teia. O homem parece um mosquito preso na teia metafísica, mesmo quando pensa questões aparentemente tão distantes desta realidade religiosa, como a questão ambiental contemporânea.

Segundo Nietzsche, o cristianismo ascético além de negar o corpo, não tem nenhuma ligação com esta realidade sensível, ou seja, os dogmas cristãos e seus símbolos estão completamente desvinculados deste mundo terreno. O cristianismo prega a existência de seres e lugares imaginários, tais como: “alma”, “paraíso”, “bondade”, “bem universal”. O cristianismo baseia-se em efeitos também imaginários: “salvação”, “graça”, “pecado”. É nesse sentido a afirmação de Nietzsche de que no mundo das representações do sacerdote cristão não existe nada que diz respeito à realidade. Muito pelo contrário, o cristianismo possui um ódio instintivo contra toda a realidade e é este o seu germe originário (NIETZSCHE, 1992, p.61).

Assim, a metafísica não pode responder aos anseios humanos pelo fato de se perder em uma lógica aérea e surreal. A procura da verdade sobre qualquer maneira e a adesão à moral sobre um campo além-mundo constituiu uma das formas de domesticar o homem para uma vida de rebanho. Nietzsche mostra, a partir de sua crítica, que o homem tem a capacidade de superação. A vida é superação. Dessa forma, ele pode e consegue ultrapassar o ideal ascético e suas implicações. Ele criará novas tábuas de valores e novas coisas para que se possa alegrar, como fez Zaratustra. Ele irá para mares desconhecidos onde as ondas serão mais altas e o frio, mais intenso.

O propósito desse trabalho não alcançará soluções para a questão ambiental, mas, ao problematizá-la, partindo desse ponto de vista crítico, esperamos poder aventar a possibilidade de que novos caminhos comecem a ser desbravados em torno de uma abordagem mais honesta e política.

Nem mesmo Cristo foi este tipo que hoje conhecemos da moral cristã. O próprio Cristo trilhou um caminho de engajamento político e não moral para mudar questões essenciais em seu tempo. Sua filosofia foi seu próprio exemplo de vida, lutando por aquilo que acreditava e afirmando que o reino de deus era aqui na terra e não em um lugar ideal conquistado por uma conduta moral e alcançável somente após a morte.

Observando a vida de Jesus, vemos que ele não incita uma revolta moral, porém suas ações provocam uma revolução social. Ele enfrenta de uma forma diferente o “poder imperialista” que oprimia os judeus, seu povo, quando conclama seus discípulos para serem “pacificadores”. No texto original essa palavra é [eivrhnoipoioi] que tem o sentido de “construtores da paz”.

Ao ouvir essas palavras, rapidamente seus discípulos associaram o movimento de Jesus a um movimento libertário. Não foi pra menos, pois, Jesus escolhe iniciar sua trajetória na Galileia. Jesus é identificado como “nazireu” (Mateus 2:23), o que demonstrava sua proximidade com aquele povo.

A Galileia era a região de onde surgiam os grandes revoltosos e berços dos Sicários e Zelotes, partidos políticos libertários da palestina. Dessa região surgiu a grande revolta conhecida como a Guerra dos Zelotas (66-72 d.c.). Uma insurreição contra Roma que terminou com a “queda” da fortaleza de Massada e a destruição de Jerusalém (BENEDIKT, 2003).

Havia um “partido” formado por trabalhadores, pobres e pescadores, liderados por Jesus, filho de Saphia. Eles tomaram o palácio de Herodes Antipas em Tiberíades (KIPPENBERGER, 1988).

Quando Jesus evoca a figura do “reino de Deus” (Mateus 12:28) ele está trazendo uma figura apocalíptica do “fim dos tempos”, onde Deus destruiria toda opressão de seu povo e instauraria o reinado da descendência de Davi, ou seja, da linhagem pura de Israel.

Isso demonstra que o próprio Cristo se apresenta como lutador, político e revolucionário, por isso, mesmo se seguíssemos uma lógica cristã, a questão ambiental teria que ser pensada politicamente. Porém, seguindo a lógica dos programas ambientais, como são apresentados na mídia ou nas escolas, onde gasta-se um enorme esforço culpabilizando os indivíduos e não o sistema



econômico, que é o grande responsável pela maior parte da degradação ambiental, terminaremos também na “cruz”, sem alcançarmos efetividade em nossas ações.

Neste sentido, é interessante observar discursos de conscientização sobre a importância do descarte de resíduos sólidos em lixeiras adequadas em municípios onde não há coleta seletiva e nem política pública de reciclagem; campanhas para que se tome banho rápido ou para que se economize água em prol do planeta, em uma sociedade onde boa parte da ecologia de rios e nascentes já foi destruída pela construção de cidades onde não se poderia, ou pelo avanço da fronteira agrícola na Amazônia para a produção de gado e para o agronegócio; as campanhas para que se diminua o uso de automóveis e veículos movidos a combustíveis fósseis em uma sociedade onde a economia do petróleo é uma das que movimenta mais dinheiro no mundo e quando se habita cidades sem ciclovias e com serviço de transporte público de péssima qualidade; campanhas para que não se jogue lixo na rua em cidades com lagoas, canais e baías totalmente poluídas pela total falta de saneamento básico. Enfim, moralismos sem fundamento que só podem se sustentar em uma sociedade totalmente herdeira do tipo de moral que estamos criticando. Entendemos que esses discursos ajudam a piorar a crise ambiental, e não o contrário, pois erram no alvo das causas do problema e, conseqüentemente, a solução proposta é inviável.

Desconstruir o cristianismo é analisar o discurso moral, apontando suas inconsistências; negar o cristianismo é negar o modo escravo/sacerdotal de interpretar, de valorar; criticar o cristianismo é apontar para o fato de que as questões políticas, econômicas, sociais e ambientais não poderão ser resolvidas pela boa vontade do cidadão de bem, comprometido com um pensamento moral insustentável.

É também contra o cristianismo a afirmação de Nietzsche: “Aqui não deve haver 'tréguas': é necessário extirpar, destruir, combater, - é necessário arrancar de toda parte o padrão cristão niilista e combatê-lo em todas as manifestações” (NIETZSCHE, [entre 1890 e 1909], p.159).

Nietzsche termina por concluir que somente a descrença da humanidade no cristianismo poderá conduzi-la a uma situação onde o homem não se esconda de si mesmo e de seus problemas e saiba se portar na existência buscando um sentido

na terra, fiel à terra e não a outros mundos existentes somente depois da morte. Entendemos que talvez só assim encontremos um novo caminho para abordar as questões ambientais, uma vez que boa parte dos discursos sobre tais questões se baseiam na moral cristã, na culpabilização do homem e na crença de que sua ação poderá produzir a mudança sonhada para uma nova sociedade perfeita. Talvez também não encontraremos nada, pois, não haverá nada para encontrar.

## BIBLIOGRAFIA

A Bíblia sagrada. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

ABRAMOVAY, Ricardo. **Muito além da economia verde**. São Paulo/SP: Abril, 2012.

PLATONOW, Vladimir. **Falta de chuva reforça necessidade de usinas nucleares, dizem especialistas, 2014.** Disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-10/falta-de-chuva-reforca-necessidade-de-usinas-nucleares-dizem-especialistas>. Acessado em 08/05/16.

BEALE, G. K. **The Temple and The Church's Mission**. Leicester: Apollos; Illinois: Intervarsity Press, 2004.

BEISNER, E. Calvin. **Where Garden Meets Wilderness**. Michigan: Acton Institute for the Study of Religion and Liberty e Eerdmans, 1997

BERTÉ, Rodrigo. **Gestão socioambiental no Brasil**. São Paulo/SP: Saraiva, 2009.

BLOCHER, Henri. **In the Beginning**. Illinois: Inter-Varsity Press, 1984.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: O que é – o que não é**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

BONTEMPO, Gínia César (Org). **Assim na terra como no céu – experiências socioambientais na igreja local**. Viçosa/MG: Ultimato, 2011.

CALVINO, João. **As Institutas ou Tratado da Religião Cristã**. São Paulo/SP: Editora Cultura Cristã, 1985.

CHAFER, Lewis Sperry. **Teologia Sistemática**. São Paulo/SP: Hagnos, 2003.

CHIAVENATO, Júlio José. **O massacre da natureza**. São Paulo/SP: Moderna, 2005.

COLSON, Charles W. **How now shall we live?** Illinois: Tyndale House Publishers, 1999.

CUNHA, Sandra Baptista da. GUERRA, Antonio José Teixeira. **A questão ambiental – Diferentes Abordagens**. Rio de Janeiro/RJ: Bertrand Brasil, 2012.

DE VAUX, Roland. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo/SP: Vida Nova, 2004.

DOUROJEANNI, Marc J.; PÁDUA, Maria T. J. **Biodiversidade a hora decisiva** Curitiba/PR: UFRP, 2001.

DREW, David. **Processos Interativos Homem-Meio Ambiente**. Rio de Janeiro/RJ: Bertrand Brasil, 1998.

[www.ecodesenvolvimento.org/posts/2013/setembro/sete-dados-alarmanter-sobre-o-aquecimento-global?tag=clima](http://www.ecodesenvolvimento.org/posts/2013/setembro/sete-dados-alarmanter-sobre-o-aquecimento-global?tag=clima)>. Acesso em: 20 de maio de 2015.

disponível em <https://eco4u.wordpress.com/tag/elevacao-do-nivel-do-mar/>. Acessado em 08/05/16).

ENCICLICA PAPAL. Disponível em: <http://www.crbnacional.org.br/site/attachments/article/2068/CARTA%20ENC%20DCLICA%20LAUDATO%20S%20C3%8D.pdf>. Acesso em 25 de fevereiro de 2016.

ENNS, Peter. **Inspiration and Incarnation**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2005.

FRAME, John M. **The Doctrine of God**. EUA: International Bible Society, 2002.

GARVEY, James. **Mudanças climáticas: considerações éticas – o certo e o errado no aquecimento global**. São Paulo/SP: Rosari, 2010.

GORE, Al. **Uma verdade inconveniente**. Barueira/SP: Manole, 2006.

HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L., Jr.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo/SP: Vida Nova, 1998.

HOFF, Paul. **O Pentateuco**. São Paulo/SP: Editora Vida, 1990.

HUBERMAN, Leo **História da Riqueza do Homem**. Rio de Janeiro/RJ: 1986.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em:  
<[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=363&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=363&id_pagina=1)>. Acesso em 04 abril 2016.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISA ESPACIAIS. Disponível em:  
<[http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod\\_Noticia=1705](http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod_Noticia=1705)>. Acesso em 30 de julho 2016.

KAUFMAN, Gordon D. **Systematic Theology: A Historicist Perspective**. New York: Charles Scribner's Sons, 1968.

KAUFMANN, Walter. **Nietzsche: philosopher, psychologist, antichrist**. 4<sup>a</sup> ed: New Jersey: Princeton University Press, 1974.

KAUTSKY, K. **A questão agrária**. São Paulo/SP: Ed. Flama SIA, 1968.

KIPPENBERGER, Hans G. **Religião e formação de classes na antiga Judéia**: Estudo sociorreligioso sobre a relação entre tradição e evolução social, São Paulo/SP: Paulus, 1988.

LORETZ, Oswald. **Criação e Mito**: homem e mundo segundo os capítulos iniciais do Gênesis. São Paulo/SP: Edições Paulinas, 1979.

LOVELOCK, James. **Gaia: Alerta final**. Rio de Janeiro/RJ: Intrínseca, 2010.

LYNAS, Mark. **A espécie divina – Como o planeta pode sobreviver à era dos seres humanos**. Rio de Janeiro/RJ: Alta Books, 2012.

MACHADO, Roberto. **Zaratustra, tragédia nietzschiana**. Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar Ed., 1997.

MATOS, Alderi S. **Fundamentos da Teologia Histórica**. São Paulo/SP: Mundo Cristão, 2007.

MELLO, J.M.C. **O Capitalismo Tardio** - contribuição á revisão critica da formação e do desenvolvimento da economia brasileira. Campinas/SP: Ed. UNICAMP, 1998.

MARTINE, G. **População, meio ambiente e desenvolvimento: o cenário global e nacional**. Campinas/SP: Ed. Unicamp, 1993.

NAVARRO, R. F. **A evolução dos materiais**. Parte 1 da pré-história ao início da era moderna. Disponível em: <<https://aplicweb.feevale.br/site/files/documentos/pdf/32246.pdf>>. Acesso em 30 de julho 2016.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Vontade de potência**. Trad: Mário D. Ferreira Santos. Rio de Janeiro/RJ: Ediouro, [entre 1890 e 1909].

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia Ciência**. São Paulo/SP: Martin Claret, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O Anticristo: Maldição do Cristianismo**: Rio de Janeiro/RJ: Newton, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Crepúsculo dos ídolos , ou, Como filosofar com o martelo**. São Paulo/SP: Golden Books, 2009.

PACKER, James I.; TENNEY, Merrill G.; WHITE JR., William. **O Mundo do Antigo Testamento**. São Paulo/SP: Editora Vida, 1988.

PAULELLA, Ernesto Dimas. **A Gestão de Resíduos Sólidos Urbanos: uma contribuição para Campinas e região**. Dissertação de mestrado - PUCCAMP – Campinas/SP, 2005.

PELIZZOLI, M.L. **Correntes da ética ambiental**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.

PLATÃO. **República**. São Paulo/SP: Nova Cultura. Coleção pensadores, VII, 1999.

POLANY, Karl **A Grande Transformação**. Rio de Janeiro/RJ: Ed. Campus, 1988.

Revista Apólice. Disponível em: <[http://revistaapolice.com.br/2011/07/furaces\\_e\\_maior\\_rigor\\_das\\_seguradoras\\_podem\\_mudar\\_cen-rio\\_do\\_setor-2011-07-11-13/](http://revistaapolice.com.br/2011/07/furaces_e_maior_rigor_das_seguradoras_podem_mudar_cen-rio_do_setor-2011-07-11-13/)>. Acessado em 08/05/16).

SILVA, Odair V. da **Sistemas Produtivos, Desenvolvimento Econômico e Degradação Ambiental**. Revista Científica Eletrônica Turismo, Ano III, 5ª edição Junho de 2006. Disponível em: [http://www.revista\\_inf.br/turismo05/artigos/art05.pdf](http://www.revista_inf.br/turismo05/artigos/art05.pdf). Acesso em: 28 mar. 2009.

SALVIANO, Marcos Figueiredo; GROppo, Juliano Daniel; PELLEGRINO, Giampaolo Queiroz. **Análise de Tendências em Dados de Precipitação e Temperatura no Brasil**. São Paulo, v. 31, n. 1, p. 64-73, Mar. 2016. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-77862016000100064&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-77862016000100064&lng=en&nrm=iso)>. access on 30 July 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-778620150003>.

SWEEZY, Paul M. **Teoria do Desenvolvimento Capitalista** - princípios de economia política marxista. Rio de Janeiro/RJ: Ed. Zahar, 1994

SAILHAMER, John H. **Genesis Unbound**. Oregon: Questar Publishers, 1996.

VOS, Geerhardus. **Teologia Bíblica**. São Paulo/SP: Cultura Cristã, 2010.

WALTKE, Bruce K. **Gênesis**. São Paulo/SP: Cultura Cristã, 2010.